



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

SUELLEN LIMA

**ENTRE TAPAS E BEIJOS: A PERCEPÇÃO DE SUJEITOS ENVOLVIDOS EM
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS SOBRE OS CONFLITOS PRESENTES NA
CONJUGALIDADE**

Palhoça

2012

SUELLEN LIMA

**ENTRE TAPAS E BEIJOS: A PERCEPÇÃO DE SUJEITOS ENVOLVIDOS EM
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS SOBRE OS CONFLITOS PRESENTES NA
CONJUGALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Dra. Carolina Bunn Bartilotti

Palhoça
2012

SUELLEN LIMA

**ENTRE TAPAS E BEIJOS: A PERCEPÇÃO DE SUJEITOS ENVOLVIDOS EM
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS SOBRE OS CONFLITOS PRESENTES NA
CONJUGALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao
Curso de Graduação em Psicologia, da Universidade do
Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para
obtenção do título de Psicóloga.

Prof^a. Orientadora Carolina Bunn Bartilotti, Dra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof^a. Deise Maria do Nascimento, Dra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof^a. Lilian Maciejeski, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico à minha mãe (a Dona Rogéria), e meus irmãos (Felipe e Sabrina) que apesar das dificuldades são exemplos do quanto às pessoas podem ser boas e humanas. Vocês me inspiram todos os dias a buscar ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela dádiva da vida!

Agradeço aos meus pais (Seu Chico e Dona Rogéria, ou simplesmente Rô) faltam palavras para expressar a gratidão que tenho por tudo que vocês fizeram e fazem por mim. Pai obrigada por me proporcionar um lar com sustento, conforto e suporte.

Mãe, amo tanto você e tenho orgulho em ser sua filha, obrigada por todos os ensinamentos, pelo exemplo de vida e superação. Minha mãe, que do portão de casa, esperava eu descer do ônibus todas as noites, fosse frio ou calor ao longo desses anos. Pai e Mãe amo vocês!

Aos meus irmãos que são um presente em minha vida, além de irmãos são também amigos, pessoas pelas quais tenho um amor imenso e incondicional. Bina que me esperava sempre junto a mãe com um docinho, uma sopinha, sempre com uma de suas delícias culinárias, um cuidado todo especial e que fazia toda a diferença. Lipe, nosso protetor, que só de estar em casa já nós transmite segurança, e que sempre quando possível ia me buscar na faculdade, obrigada por toda ajuda e compreensão. Meus amados e maravilhosos irmãos que estão ao meu lado em qualquer situação. Bina e Lipe amo vocês mais do que tudo na vida, vocês sabem que podem contar sempre comigo.

Minha família que depois de passar o dia todo fora de casa, me faziam valorizar tudo aquilo que eu tenho no meu lar.

Sou grata ao meu noivo, amor da minha vida, que me ensinou muito através de nossa relação, que durante os estresses do dia a dia me proporcionava o lazer. Que durante as aulas, me mandava mensagens amorosas, que renovavam minhas forças. Marcos eu te amo!

Agradeço aos amigos e amigas que a vida me deu. Primeiramente aos que encontrei nesse caminho que trilhei durante a graduação, Margarida, Vanessa e Camilla.

Marga, obrigada por me ajudar a “desabrochar”! Vá obrigada por me escutar e me apoiar! Ca, obrigada pelos compartilhamentos e por sempre me alegrar! Mulheres guerreiras e carinhosas. Não tenho palavras para dizer o quanto aprendi com cada uma de vocês. Amo cada uma de modo muito especial! E ao amigo Anderson pela bela amizade, apoio e caronas. Obrigada por tudo, vocês estarão sempre comigo e em meu coração.

Obrigada a amiga que encontrei em meu ambiente de trabalho, Fernanda. Fê serei sempre grata a você por tudo que fez por mim! Grande e verdadeira amiga, amo você!

Obrigada a minha orientadora, professora Carol, simplesmente obrigada, não só pelos excelentes ensinamentos acadêmicos, mas também por ser um exemplo de pessoa, organizada e

dedicada. Por transmitir vida através de seus lindos e profundos olhos azuis, e que mesmo na “correria” nunca perde o bom humor!

Obrigada aos meus amigos de orientação, Carmem, Jefferson, Miguel e Nélida, que compartilharam comigo a “saga Tcc”. Carmem e Miguel, “sobreviventes” que estão comigo desde a primeira fase. Vocês “marcaram” minha vida, são especiais para mim. Obrigada!

Agradeço as professoras Deise e Lilian, que além de serem exemplos profissionais, são exemplos de pessoas. Humanas, que mesmo no ambiente “formal” da universidade, conseguem transmitir “calor humano”. Pessoas sábias que contribuíram para o aperfeiçoamento deste trabalho.

A professora Saidy, pelos ensinamentos sistêmicos, que nesta linha que pretendo seguir é o meu exemplo profissional.

Agradeço ao grupo de alunos e professores da Mediação, e ao grupo de supervisão no Serviço de Psicologia, pelas aprendizagens adquiridas, nas tardes deste último ano da graduação.

São tantos os nomes das pessoas que cruzaram e fizeram parte do meu caminho ao longo desses cinco anos que estive na Unisul. Algumas de forma mais próxima, outras um pouco menos, mas todas especiais, deixo a vocês também os meus agradecimentos.

Com muita emoção e lágrimas de alegria nos olhos, é que encerro este texto de agradecimentos. Destacando que essas linhas são pouco para expressar tanta gratidão, e são insuficientes para descrever o quanto aprendi e cresci ao longo desses anos. Carrego comigo as aprendizagens acadêmicas, e para além disso, carrego a aprendizagem e o crescimento pessoal. Aprendi o que realmente significa a famosa frase de Fernando pessoa: *“tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”!*

Obrigada á todos por tudo!

Monte Castelo

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua do anjos
Sem amor, eu nada seria...
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja
Ou se envaidece...
O amor é o fogo
Que arde sem se ver
É ferida que dói
E não se sente
É um contentamento
Descontente
É dor que desatina sem doer...
Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor, eu nada seria...
É um não querer
Mais que bem querer
É solitário andar
Por entre a gente
É um não contentar-se
De contente
É cuidar que se ganha
Em se perder...
É um estar-se preso
Por vontade
É servir a quem vence
O vencedor
É um ter com quem nos mata
A lealdade
Tão contrário a si
É o mesmo amor...
Estou acordado
E todos dormem, todos dormem
Todos dormem
Agora vejo em parte
Mas então veremos face a face
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade...
Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua do anjos
Sem amor, eu nada seria...

(Renato Russo).

RESUMO

Como em toda relação, dentro dos relacionamentos amorosos é comum existirem conflitos, porém maior parte das referências falam dos conflitos de forma negativa. Esta pesquisa procurou problematizar a idéia de que os conflitos são apenas negativos, por entender que os conflitos também podem ser utilizados de forma positiva para a relação conjugal. E também devido ao fato dos relacionamentos conjugais serem um aspecto importante na vida dos sujeitos. Assim o objetivo geral dessa pesquisa foi identificar a percepção de sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presentes na conjugalidade. E como objetivos específicos: identificar as principais causas dos conflitos nas relações conjugais e identificar as principais estratégias para a resolução dos conflitos nas relações conjugais. Esta pesquisa caracteriza-se com qualitativa, descritiva e exploratória. Os participantes desta pesquisa foram três homens e três mulheres, que partilhavam de um relacionamento amoroso ou de uma relação conjugal por mais de cinco anos, com idades que variaram de 27 á 43 anos. Quanto a técnica utilizada para o presente estudo, foi uma entrevista semi-estruturada, o delineamento foi caracterizado como estudo de caso e as entrevistas analisadas por meio da análise de conteúdo. Como resultado, as principais causas de conflitos que se sobressaíram foram os seguintes fatores: Divisão de tarefas domésticas, características individuais dos cônjuges, questões financeiras e descumprimento ao acordo afetivo do casal e disfunção na comunicação verbal. Como estratégias de enfrentamento aos conflitos conjugais destacaram-se: o diálogo, questões religiosas e manter postura de silêncio com comportamentos não verbais. Quanto à percepção dos sujeitos sobre os conflitos conjugais, dois dos entrevistados relataram considerar que não devem existir conflitos nas relações; quatro dos participantes consideram os conflitos algo comum dentro das relações e quatro dos sujeitos avaliam que se deve saber manejar os conflitos. Concluiu-se que os casais ao perceberem que para os conflitos serem bons ou ruins, dependem da reação de cada sujeito. Sugere-se que sejam realizadas novas pesquisas que aprofundem os diversos aspectos que envolvem os relacionamentos conjugais com o propósito de auxiliar os casais a lidar melhor com as dificuldades encontradas nos relacionamentos amorosos. Desse modo podendo decidir com responsabilidade levar ou não a relação à diante, e se levarem em frente, podem fazer da melhor maneira possível.

Palavras-chave: Relacionamentos conjugais, conflitos conjugais e conjugalidade.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados dos participantes da pesquisa.....	17
Quadro 2 - Roteiro de perguntas norteadoras da pesquisa.....	18
Quadro 3 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos no início da relação devido a divisão de tarefas domésticas.....	23
Quadro 4 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido a características individuais.....	25
Quadro 5 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido a falta de atenção com o cônjuge.....	27
Quadro 6 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido a questões financeiras.....	29
Quadro 7 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido ao descumprimento ao acordo afetivo do casal.....	30
Quadro 8 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido disfunções na comunicação verbal.....	32
Quadro 9 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator a conversa como estratégia de enfrentamento frente aos conflitos conjugais.....	34
Quadro 10 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator esperar passar como estratégia de enfrentamento frente aos conflitos conjugais.....	36
Quadro 11- U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator questões religiosas como estratégia de enfrentamento frente aos conflitos conjugais.....	38
Quadro 12 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator “não pode ter” como percepção sobre os conflitos conjugais.....	41
Quadro 13 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator “é normal” como percepção sobre os conflitos conjugais.....	43
Quadro 14 - U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator “Tem que saber levar” como percepção sobre os conflitos conjugais.....	44

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categorias e Subcategorias correspondentes as principais causas dos conflitos nas relações conjugais.....	21
Figura 2 – Categoria e Subcategorias correspondentes as estratégias para a resolução dos conflitos nas relações conjugais.....	34
Figura 3 – Categoria e Subcategorias correspondentes a percepção sobre os Conflitos conjugais.....	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	03
1.1 PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA.....	03
2. RELAÇÃO CONJUGAL.....	08
2.1 CONFLITOS CONJUGAIS	13
3. MÉTODO.....	16
3.1 PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO.....	17
3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	17
3.3 SITUAÇÃO E AMBIENTE.....	18
3.4 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS	19
3.5 PROCEDIMENTOS	19
3.5.1 Seleção e contato com os participantes	19
3.5.2 Coleta e registro dos dados.....	20
3.5.3 Organização, tratamento e análise de.....	20
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	21
4.1 CAUSAS DE CONFLITOS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS.....	21
4.1.1 Conflitos no Início da Relação.....	22
4.1.1.1 Divisão de Tarefas Domésticas.....	22
4.1.2 Conflitos atuais na relação.....	25
4.1.2.1 Características Individuais.....	25
4.1.2.2 Falta de Atenção Com o Cônjuge.....	27
4.1.2.3 Questões Financeiras.....	29
4.1.2.4 Descumprimento Ao Acordo Afetivo do Casal.....	30
4.1.2.5 Disfunções na Comunicação Verbal.....	31
4.2 AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO AOS CONFLITOS CONJUGAIS..	33
4.2.1 “A conversa”	34
4.2.2 “Espera que passa”.....	36
4.2.3 “A bíblia”.....	38
4.3 A PERCEPÇÃO SOBRE OS CONFLITOS CONJUGAIS.....	40
4.3.1 “Não pode ter”	40
4.3.2 “É normal”.....	43

4.3.3 “Tem que saber levar”	44
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
APÊNDICES.....	54
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semi-estruturada.....	55
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	56
ANEXOS.....	57
APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA.....	58

1. INTRODUÇÃO

O estágio em mediação familiar realizado em um Fórum da Grande Florianópolis faz parte do currículo acadêmico do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, que oferece três sugestões de estágio para o campo de psicologia em saúde são eles: psicologia hospitalar, em um hospital geral de Florianópolis; estágio em um centro de atenção psicossocial na grande Florianópolis e mediação familiar.

O serviço de mediação é realizado através da atuação dos alunos de 9º e 10º fase do curso de psicologia da UNISUL, “como mediadores (as) propondo o intermédio da comunicação entre as partes envolvidas.” (WIGGERS, 2011. p. 14). Segundo Breitman e Porto (2001 apud WIGGERS, 2011. p. 14), “mediação familiar freqüentemente possui um efeito terapêutico entre os casais, pois apesar desta não ter foco de uma psicoterapia, proporciona um espaço para questões serem discutidas, o que pode auxiliar na reconstrução do vínculo amoroso.”

Assim, procurou-se atrelar o tema de interesse da pesquisadora com a prática do estágio em mediação familiar. A decisão de investigar o tema conflitos conjugais é devida ao interesse por estudos que discutem relacionamentos interpessoais, mais especificamente relacionamentos amorosos dos casais. Dentro das relações, procura-se problematizar os conflitos que ocorrem entre os casais, assim se faz necessário discutir assuntos como a relação conjugal e conflitos conjugais que serão apresentados no capítulo de fundamentação teórica dessa pesquisa.

1.1 PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA

O casal de acordo com Rosset (2008, p 50) é um subsistema (conjugal) que tem como funções básicas “ser refúgio para os estresses externos que os dois cônjuges sofrem no dia a dia; ser a matriz para contatos com os outros sistemas sociais, criando a forma específica desse casal de se relacionar com as famílias e com o social”. Tem como funções ainda “possibilitar o desenvolvimento da intimidade e sexualidade, favorecimento de aprendizagem, criatividade e crescimento”. Esses aspectos apresentados pelas autoras são positivos; pois de modo geral a noção de casal é uma idealização romantizada em nossa cultura, mas quando duas pessoas se unem para viver em conjugalidade, aparecem as diferenças. Por isso, as autoras pontuam que relação conjugal é a maior relação de intimidade que se tem, mas nela também aparece o “pior e o melhor de cada um dos dois” (ROSSET, 2008, p.87).

Para Féres-Carneiro (1998, p. 1) quando duas pessoas se tornam casal, existem dois sujeitos com suas próprias individualidades (duas identidades, duas histórias, dois mundos, duas percepções, etc) e que na relação amorosa convivem com uma conjugalidade (uma identidade conjugal, um desejo conjunto, um projeto de vida de casal, etc.). Desse modo, segundo a autora, existe um fascínio e dificuldade de ser casal, pois como “ser dois, sendo um? E como ser um sendo dois?” Para um “bom” funcionamento de casal, é preciso que os cônjuges aprendam a conviver com as diferenças, com a maneira que o outro tem de ser. Este funcionamento de casal é algo que vai se construindo durante a relação, apontado por Rosset (2008, p. 87) que afirma que ao se escolherem para se tornar um casal, as duas pessoas irão estruturar “sua forma única de ser, aos poucos vão estabelecer seu padrão de funcionamento de casal.”

Pregolato (2003) afirma que o ser humano, ao que se refere a relações, está sempre em processo de aprendizagem, pois cada relação é única, e nas relações amorosas à medida que evolui, vai se transformando e exigindo um trabalho constante de superação de obstáculos por parte dos parceiros. A autora, destaca ainda que a evidência desse fato “é a grande quantidade de indivíduos adultos que procuram os consultórios psicológicos para tentar diminuir seu sofrimento em virtude de conflitos, frustrações ou rompimentos indesejados na área amorosa” (PREGNOLATO, 2003, p. 1). As frustrações nas relações amorosas muitas vezes, são resultados do não correspondido. Pois quando o sujeito inicia um relacionamento coloca nele muitas expectativas suas, e ao ver que o outro não corresponde, pode se iniciar os mal-entendidos e conflitos.

Segundo Boas, Dessen e Melchiori (2010) os conflitos, “nas relações conjugais tem sido amplamente abordados na literatura, principalmente em estudos internacionais que investigam suas implicações para o desenvolvimento infantil”. De acordo com as autoras, os conflitos conjugais são presentes nos relacionamentos íntimos, principalmente dentro do contexto familiar, pois nele, o nível de interdependência entre seus membros é alto, favorecendo assim o “surgimento e manutenção de situações conflituosas”.

No artigo de Boas, Dessen e Melchiori (2010, p. 93), as autoras enfatizam ainda, que dentro do casamento, os conflitos são comuns devido ao confronto de individualidades presentes nesse contexto. Dentro do ambiente familiar os motivos que causam os conflitos são diversos, destacam-se: as disputas de poder, transições inerentes ao desenvolvimento familiar, questões relacionadas aos filhos, questões financeiras, questões que envolvem divisão de responsabilidades, relacionamentos extraconjugais, diferenças de gênero, discordâncias quanto à educação dos filhos e características pessoais dos cônjuges (BOAS, DESSEN, MELCHIORI 2010). As variáveis que causam os conflitos conjugais são identificadas também por Bolsoni-Silva e Marturano (2010, p. 31), como “problemas de comunicação, estratégias de resolução de problemas, histórico familiar,

problemas de ordem financeira e no trabalho.” Para Silva (2008) o conflito pode ser causado também devido a um modelo idealizado de família e um modelo real (BREITMAN E PORTO, 2001, apud SILVA 2008, p. 39). Mais uma vez nota-se aqui, as expectativas de ambos em relação ao cônjuge, dentro da relação.

Percebe-se que os motivos para os conflitos são diversos, mas de modo geral, os conflitos são conseqüências de opiniões diferentes sobre determinado acontecimento. Nesta pesquisa os conflitos serão investigados na forma de desentendimentos entre o casal, porém não irá se basear em um único tipo de conflito. Pois o propósito é investigar os conflitos específicos de cada casal, tendo em vista que os motivos para os desentendimentos do casal podem ser diversos e únicos. Mesmo vivendo em conjugalidade, cada indivíduo é único e assim as percepções de cada um são singulares. Assim como já mencionado, quando ocorrem situações em que aparece o diferente do outro, cada um dos cônjuges procura defender o seu ponto de vista, considerando o ponto de vista do outro “errado”, podendo ocasionar desentendimentos. (GAIARSA, 1997)

Para Benetti (2006) e Boas, Dessen e Melchiori (2010), os conflitos se caracterizam pela variação de intensidade, frequência, conteúdo e grau de resolução. A nomeação “conflito conjugal”, ainda segundo Benetti (2006) é dada para situações de discórdia entre o casal. Outro aspecto comum entre os estudos das autoras, como já foi dito, é a ênfase dos artigos sobre a implicação dos conflitos conjugais sobre os filhos. Segundo Boas, Dessen e Melchiori (2010, p. 94) os conflitos além de afetarem “todo o funcionamento familiar e demais subsistemas, incluindo as relações parentais” de forma negativa, eles estão também associados a problemas de comportamento dos filhos. Benetti (2006) aponta que a dimensão conflito conjugal influencia nas ocorrências de distúrbios afetivos e manifestações clínicas no desenvolvimento infantil (WAMBOLDT & WAMBOLDT, 2000, apud BENETTI, 2006, p. 261), e na adolescência pode acarretar comportamentos agressivos, conduta anti-social, abuso de substâncias e conflitos com a lei (FERGUSON E HORWOOD, 1998, apud BENETTI, 2006, p. 262). O mesmo impacto é descrito por Fincham e Beach (1999 apud BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2010), os autores afirmam que conflitos conjugais afetam de modo negativo não só a saúde dos cônjuges, mas também a saúde dos familiares.

É possível concluir que por estarem presentes em qualquer relação interpessoal, os conflitos afetam o cotidiano dos indivíduos e a relação dos casais. Mas quando se fala em conflito, normalmente esse assunto é atrelado a algo negativo. De acordo com Ávila (2004, p. 29). “a maior parte dos indivíduos associa a palavra conflito com crise, batalha, guerra, disputa e violência, sendo visto assim como indesejável e prejudicial. Por isso deve ser resolvido.” As brigas de casais causam estresse, podem prejudicar a interação familiar e dependendo da intensidade do conflito romper a

relação. De acordo com Boas, Dessen e Melchiori (2010, p. 94) as situações conflituosas e conflitos mal resolvidos, “geram frustração e raiva, criando um ciclo em que a discórdia se torna cada vez mais freqüente e hostil. Desta forma, muitos casais, incapazes de romper com esse ciclo, começam a considerar a possibilidade de separação.”

Mas antes de pensar no rompimento da relação, os conflitos podem ser vistos como “ferramenta” para auxiliar em mudanças e crescimento nas relações. Ávila (2004) destacam que “os indivíduos irão encontrar novas saídas no momento em que deixarem de ver o conflito como uma batalha a ganhar e o considerarem como um problema a ser resolvido” (p. 36). O conflito conjugal é, assim, um rico objeto de estudo e intervenção para a Psicologia, que é uma ciência que tem atuado com práticas profissionais e estudos nas relações conjugais. Porém, durante a busca por fundamentos teóricos que embasassem o presente estudo, o conflito conjugal aparece normalmente como fator desencadeante da separação, ou como algo que afeta a relação apenas negativamente (BENEDITO, 2002; RIFIOTIS, 2004; WENSING JÚNIOR, 2006; BENETTI, 2006; DEBERT OLIVEIRA, 2007; SILVA, 2008; SILVARES E SOUZA, 2008; BOAS, DESSEN, MELCHIORI, 2010). Não destacando o conflito como um conteúdo rico para ser analisado e como “agente” transformador das relações. Buscando entender melhor os conflitos conjugais, e entendendo que eles podem ser também construtivos na relação, procurou-se responder a seguinte pergunta de pesquisa: **Qual a percepção de sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presentes na conjugalidade?** Assim o objetivo geral desta pesquisa foi identificar a percepção de sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presentes na conjugalidade. E como objetivos específicos: identificar as principais causas dos conflitos nas relações conjugais e identificar as principais estratégias para a resolução dos conflitos nas relações conjugais. De acordo com Silveira (2008, apud BOLSONI-SILVA E MARTURANO, 2010) as intervenções preventivas de conflito de casais são viáveis e tendem a ser bem aceitas pela população. Entre os desafios que o atendimento a casais apresenta para o profissional de Psicologia, destacam-se os da avaliação para subsidiar a intervenção, pois é preciso que na avaliação sejam abordados, de alguma forma, os múltiplos comportamentos que refletem as dificuldades enfrentadas na interação conjugal. (BOLSONI-SILVA E MARTURANO, 2010). As autoras destacam ainda que melhorando a interação conjugal, os casais podem melhorar também outras “áreas” do relacionamento como, redução de estresse e melhoria da satisfação conjugal (BODENMANN & SHANTINATH, 2004 apud BOLSONI-SILVA E MARTURANO, 2010, p. 32). Além disso, esta pesquisa pode contribuir com o que é apontado por Gomes e Paiva (2003), que defendem que o “casamento hoje deve estar ligado a uma noção de mutatividade, transformação, flexibilidade em

relação ao novo e diferente, constituindo um espaço de desenvolvimento interpessoal e criatividade”.

Diante de muitas referências bibliográficas, (FÉRES-CARNEIRO, 1998; ARAÚJO, 2002; GOMES E PAIVA, 2003; PERLIN E DINIZ, 2005; VILLA, PRETTE E PRETTE, 2007; BOLSONI-SILVA E MARTURANO 2010), que se referem ao conflito como algo negativo e da escassez de bibliografias que falem sobre o tema como algo positivo, a relevância científica desta pesquisa está na contribuição de dados relevantes para temática, pois procura problematizar a idéia de que os conflitos conjugais são apenas negativos para a relação, buscando ampliar conhecimentos científicos que tratem sobre o assunto, fazendo uma reflexão de que os conflitos podem também ser considerados positivos, dependendo do seu manejo. Assim esta pesquisa poderá servir ainda como material de apoio e consulta no serviço dos psicólogos que trabalhem com o tema. A relevância social está no fato dos conflitos conjugais fazerem parte da vida de cada um. E, também pelo motivo apontado por Norgren et al (2004, p 575) que destaca que os relacionamentos íntimos por serem um “aspecto central da vida adulta” implicam na saúde dos indivíduos (saúde mental e física). Justificando assim, a importância de compreender os relacionamentos amorosos/conjugais, e investigar a qualidade dessas relações.

2. RELAÇÃO CONJUGAL

Os fatores que envolvem a relação conjugal começam com o papel que o casamento tem na cultura, com as expectativas e idealizações de cada indivíduo em relação ao cônjuge, e vão até o convívio a dois, onde é preciso lidar com as diferenças de outro que possui seu jeito único de ser, e que não vai corresponder a todas as expectativas de seu cônjuge. Esses fatores, segundo Féres-Carneiro (1998) irão influenciar a satisfação e manutenção da relação conjugal.

O casamento e o relacionamento conjugal “têm sido temas de diversos estudos, devido à sua complexidade e, ao mesmo tempo, a sua importância na vida das pessoas e da sociedade.” (VILLA, PRETTE E PRETTE, 2007, p. 24). Ao longo da história o casamento passou por muitas transformações. No começo as suas principais funções eram ligadas a interesses políticos e econômicos. Mas atualmente as razões afetivas e sexuais é que motivam as pessoas casarem. (PERLIN E DINIZ, 2005).

Araújo (2002) descreve que o casamento ao longo da história passou por muitas modificações, pois antes o casamento era algo arranjado pela família, a sexualidade era vista apenas para a reprodução, e a paixão era uma experiência nas relações de adultério. Dessa forma o casamento não consagrava um relacionamento amoroso. As grandes mudanças no casamento, segundo Ariès (1987 apud ARAUJO, 2002, 70-77), começaram na modernidade, “a valorização do amor individual, presente na ideologia burguesa, estabelece o casamento por amor, amor-paixão, com predomínio do erotismo na relação conjugal”. Assim na era moderna é que o amor como “critério” para o casamento começa a surgir, tornando o amor romântico ideal de casamento. Porém o autor destaca ainda, que o amor-paixão não é duradouro e as relações que são “fruto” dele tendem também a não se manter. Para Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) a palavra casamento associa-se a idéias românticas, remetendo à frase popular “e viveram felizes para sempre”, entretanto, esse acontecimento que é iniciado com encantamento e otimismo, nem sempre é duradouro. Araujo (2002) enfatiza esta idéia, dizendo que a duração da relação é um grande desafio dos casais modernos, que leva a redefinir expectativas e idealizações sobre o casamento.

O casamento envolve lidar com a pressão que os cônjuges sofrem, de um lado “para manterem valores e padrões morais tradicionais, como a efetivação do contrato matrimonial e o exercício da parentalidade.” Mas ao mesmo tempo, os cônjuges são “forçados a adequarem-se às transformações sociais, tais como as exigências do mercado de trabalho, a valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero” (PERLIN E DINIZ, 2005, p. 17). Após se unirem, os casais precisam encarar os aspectos contidos na rotina, proporcionando “um crescimento tendente à maturidade e criação de um “espaço

potencial” entre os cônjuges, onde as potências de cada um possam ser exercitadas, experimentadas e integradas na vida a dois”. (GOMES E PAIVA 2003, p. 9).

O casamento hoje não é mais algo determinado pela família, e não é mais visto como algo que deve durar para sempre, as pessoas podem casar, descasar e recasar. E mesmo que hoje seja observado um grande número de divórcios, Dinis Neto e Féres-Carneiro (2005, p. 134) defendem que o casamento não está “agonizante”, mas sim que a sociedade hoje procura padrões mais satisfatórios e funcionais nas relações amorosas, e que elas propiciem condições para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos cônjuges.

A vida a dois, consiste no que a sociedade chama de casal, que para Monteiro (2001) em termos sistêmicos, é compreendido como a menor unidade de interação social, e destaca que nos estudos que falam do assunto, a definição de casal é vaga. Por isso, a escolha de casais como objeto de pesquisa possui proposições teóricas e metodológicas, existindo divergências entre estudiosos, terapeutas e pesquisadores ao que se refere às características de uma relação conjugal (MONTEIRO, 2001). Ainda de acordo com Monteiro (2001), a noção de casal pode ter diferentes conceitos, mas sabe-se que existem diversos “modelos” de casal, podendo ser compostos por sujeitos hetero ou homossexuais; que estejam, ou não morando sob o mesmo teto, ou em cidades distintas, se diferem também de acordo com as etnias e classes sociais.

O casamento para Norgren *et al* (2004, p. 583) pode ser “uma construção conjunta da realidade; uma opção viável de relacionamento que corresponda às expectativas de cada um dos parceiros, se cada um deles se comprometer com sua escolha e acreditar no que está fazendo”. Segundo Norgren *et al* (2004), para que a relação seja satisfatória durante anos é preciso que cada cônjuge invista no relacionamento, com empenho para torná-lo proveitoso aos dois, procurando o equilíbrio entre conjugalidade e individualidade, e ainda compartilhando interesses e relacionamentos afetivo-sexual, evitando o tédio (NORGREN et al, 2004). Assim, os autores destacam que a relação conjugal é uma construção que se inicia quando se casam e que deve ser continuada com o “trabalho em equipe” dos cônjuges.

Para Araújo (2002, p. 70-77) o “relacionamento puro” deve ser centrado no compromisso, na confiança e na intimidade. Sendo necessário que o casal desenvolva “uma história compartilhada em que cada um deve proporcionar ao outro, por palavras e atos, algum tipo de garantia de que o relacionamento deve ser mantido por um período indefinido.” Ao mesmo tempo o casamento não é mais uma “condição natural”, necessariamente obrigatória, nem precisa ser uma relação longa e duradoura. Pois o “relacionamento puro” pode ser terminado, mais ou menos à vontade, há qualquer momento da relação e por qualquer um dos cônjuges (ARAÚJO, 2002).

Porém Araújo (2002) destaca que o compromisso não é garantia do não sofrimento futuro, pois a relação pode vir a dissolver-se. O que conta no relacionamento é a própria relação de convivência, e a sua manutenção depende do nível de satisfação que cada um dos cônjuges extrairá no relacionamento. (ARAÚJO, 2002, 70-77.). A qualidade das relações tem sido investigada em diversas pesquisas, por exemplo, para Norgren *et al* (2004, p. 575) a qualidade nas relações e a própria vida conjugal e amorosa foram temas de interesse de muitos pesquisadores no século XX devido ao fato de que “os relacionamentos íntimos são aspecto central da vida adulta e a qualidade dos mesmos tem implicações não só na saúde mental, mas também na saúde física e vida profissional” dos cônjuges.

O artigo de Mosmann, Wagner e Feres Carneiro (2006) identifica a qualidade conjugal como multidimensional. A satisfação é uma dessas dimensões, e ela implica em o sujeito ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, e também corresponder ao que o outro espera, sendo assim, segundo Norgren *et al* (2004) um dar e receber recíproco e espontâneo. A satisfação conjugal para os autores está ligada ao bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança. Esses aspectos é que “propiciam intimidade no relacionamento, decorrendo da congruência entre as expectativas e aspirações que os cônjuges têm, em comparação à realidade vivenciada no casamento (NORGREN *et al*, 2004, p. 576).

A satisfação conjugal para os autores, Norgren *et al* (2004), é ainda um “fenômeno complexo”, pois nela esta envolvida a personalidade de cada membro do casal, bem como seus valores, atitudes e necessidades; envolve ainda questões de sexo. A dinâmica do casal é influenciada também pelo momento do ciclo da vida familiar, o envolvimento dos filhos, níveis de escolaridade, socioeconômico e cultural, além das experiências anteriores ao casamento (NORGREN *et al*, 2004, p. 576). A satisfação conjugal está ligada, segundo os autores, com o tempo de convívio, pois o casamento sofre transformações durante as etapas da vida familiar e pessoal. A qualidade conjugal para Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006, p. 322) é resultado da interação do casal com o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges, e os processos adaptativos, esses três fatores propiciam à auto-percepção levando a um nível de qualidade conjugal.

Quando a satisfação conjugal ocorre, a relação torna-se refúgio aos estressores externos, e passam a ser a matriz para o contato com outros sistemas sociais. (MINUCHIN, 1990, apud NORGREN *et al*, 2004). Se houver espaço para as diferenças, ocorre ainda crescimento pessoal e aprendizagem por meio da troca de experiências. Os cônjuges satisfeitos, de acordo com os autores, conseguem manter fortes laços emocionais, durante a dinâmica da relação, conseguem também flexibilizar o poder dentro do relacionamento bem como papéis e regras ao longo da vida conjugal e em face de situações de crise. (NORGREN *et al*, 2004). Além disso, desenvolvem padrões de

comunicação adequados, que para os autores é um aspecto essencial para a satisfação conjugal. Os relacionamentos duradouros e satisfatórios permanecem em transformação, pois os cônjuges “continuam a investir no mesmo e a acreditar que é possível estar casado há muito tempo e continuar unido para o que der e vier.” (NORGREN et al, 2004, p. 583).

Para evitar a não-durabilidade de uma relação afetivo-sexual, os casais precisam estabelecer como meta, para seus projetos de conjugalidade, a confiança no parceiro (a). (GARCIA E TASSARA, 2001, p.637). Sabendo que o relacionamento conjugal pode não durar, cada membro da díade deve, para evitar riscos e perigos, definir “o que é esperado ou desejado para a relação. Definindo-se o que se deseja, é possível a eles, conseqüentemente, identificar aquilo que devem evitar”. Assim os casais criam estratégias para que o casamento perdure. As estratégias de enfrentamento para a manutenção do casamento são o assunto central do estudo de Garcia e Tassara (2001). Para as autoras, “todo esse conjunto de estratégias constitui-se modos informais de controlar todo um conjunto de eventos do cotidiano conjugal que afetam o projeto de casamento idealizado.” (p. 637).

A construção do relacionamento conjugal para Távora (2009, p. 50) está fundamentada em dois pilares: um contrato emocional e um código de ética construídos na intimidade de cada relação. Esse contrato normalmente não é algo explícito, e para a autora é em parte inconsciente, refere-se à definição dos papéis e à forma particular como os parceiros lidam com o cotidiano do casal. (TÁVORA, 2009, p. 50)

De fato, a construção de uma relação a dois é permeada não só por uma sucessão de demandas presentes, mas também por um movimento subjacente de busca da satisfação de necessidades não atendidas no passado. Ciclos de pedido-frustração-resignação ou pedido-frustração-reparação determinam o encaminhamento de uma relação conjugal bem ou mal sucedida. Três fatores importantes interferem nesse processo: o amadurecimento emocional de cada cônjuge, a influência das tradições culturais na determinação dos papéis conjugais e a decepção evolutiva do ciclo conjugal. (TÁVORA, 2009, p. 51)

O conviver do casal será ainda resultado da interação estabelecida entre os cônjuges. Essa interação irá ter um “jeito” único de cada casal, chamado por Féres-Carneiro (1998) de identidade conjugal. Nessa relação conjugal, estão presentes, de acordo com Távora (2009, p. 51), as emoções que cada cônjuge trás consigo, adquiridas ao longo de sua vida, e dentro do casamento essas duas histórias de vida serão combinadas. Para o convívio do casal é preciso ainda, segundo a autora, que cada sujeito da relação passe por um “processo de individuação bem elaborado que permita ao cônjuge enxergar e considerar o parceiro, enriquecendo-se com as diferenças”. (TÁVORA, 2009, p. 52). Se esse processo não ocorrer, cada membro do casal, não irá se diferenciar como pessoa,

facilitando assim o estabelecimento de “verdadeiras batalhas para moldar-se um ao outro à sua própria imagem e garantir que suas necessidades sejam atendidas.” (TÁVORA, 2009, p. 52).

Assim, a autora pontua que o amadurecimento dos cônjuges é necessário. Pois se eles construírem um forte senso de identidade que é resultado de “um longo processo de diferenciação de pessoas significativas, maior é a possibilidade de que o indivíduo mantenha-se íntegro nos conflitos com o parceiro e melhor tolere a intimidade sem medo de perder a individualidade.” (TÁVORA, 2009, p. 51). Os conflitos são outro aspecto central na vida de cada sujeito, e assim também, fazem parte da vida conjugal. Os casais podem discordar entrando em conflito, mas mesmo assim podem apresentar altos níveis de satisfação, isso dependerá do modo com resolvem seus conflitos. (MOSMANN, WAGNER E FÉRES-CARNEIRO, 2006, p. 322). Por também estarem presentes nas relações interpessoais e relacionamentos amorosos, é importante aprofundar os estudos referentes aos conflitos conjugais.

2.1 CONFLITOS CONJUGAIS

Para Boas, Dessen e Melchiori (2010) os conflitos são inerentes às relações familiares, incluindo as conjugais. E eles são comuns dentro do casamento, pois esse contexto envolve confronto entre duas individualidades e a conjugalidade do casal. Nos conflitos, de acordo com Benetti (2006), estão contidas as situações de discórdia entre o casal. Normalmente os conflitos estão ligados a idéias ruins, como fatores que desestruturam a família e/ou casal. São “definidos como qualquer disputa, discordância ou expressão de emoções negativas diante de questões cotidianas ou problemas do dia-a-dia que caracterizam a vida conjugal” (BOAS, DESSEN E MELCHIORI, 2010 p. 93). Não há uma definição exata de conflitos, pois suas causas, e seus efeitos são diversos, variando conforme o contexto e a vida conjugal de cada casal. Na literatura vimos que eles podem ter diferentes conceitos, assim “não há consenso entre os pesquisadores quanto a uma única definição do termo. Para os autores trata-se de uma variável complexa, com uma série de medidas e construtos que são usados para avaliá-la” (BOAS, DESSEN, MELCHIORI, 2010, p.93).

Mesmo não possuindo um conceito exato, existem muitos estudos que classificam e pesquisam os conflitos, discutindo sobre suas causas e seus efeitos. Sobre a classificação, Ávila (2004), em seu escrito sobre o serviço de mediação familiar, distinguem os tipos de conflitos que podem ocorrer nas relações conjugais, como:

O verdadeiro conflito: Duas situações estão nitidamente em oposição e um meio-termo não pode ser encontrado a não ser que exista um compromisso entre as partes. Conflito contingente: O conflito não é ainda reconhecido pelas partes em litígio. Conflito deslocado: O conflito é desviado para pontos que não são as verdadeiras razões da discórdia. Conflito manifesto: É o conflito declarado, embora possa existir algum outro escondido. Conflito latente: O objeto do conflito ainda não foi identificado. O falso conflito: Nenhuma razão objetiva o justifica; baseia-se em informação ou comunicação errônea. (ÁVILA, 2004, p. 30)

Os conflitos, de acordo com Turner e West (1998, apud BOAS, DESSEN, MELCHIORI, 2010, p. 93) “mudam ao longo do tempo, na medida em que as famílias passam por diferentes fases do seu desenvolvimento no curso de vida familiar”. Segundo Christensen e Heavey (1990) citados pelas autoras, existe um padrão durante situações de conflito, onde normalmente as mulheres procuram resolver os problemas, e os homens se distanciam emocionalmente, mantendo o silêncio (BOAS, DESSEN, MELCHIORI 2010, p. 94). Ao mesmo tempo as autoras Boas, Dessen e Melchiori (2010, p. 93) pontuam que esse mesmo “padrão de demanda/retraimento é discutido por Papp, Kouros e Cummings (2009) e podem ocorrer também igualmente entre os cônjuges, cada um assume ambos os comportamentos” citados acima. Mas, normalmente quem inicia o conflito provavelmente assumirá o papel de demanda para tentar defender seus interesses.

Sobre as causas, Boas, Dessen e Melchiori (2010) destacam que dentro do casamento são diversos os motivos que levam ao conflito conjugal, como: as disputas de poder, transições inerentes ao desenvolvimento familiar, questões relacionadas aos filhos, questões financeiras, divisão de responsabilidades, relacionamentos extraconjugais, diferenças de gênero e características pessoais dos cônjuges, como temperamento, história de vida e a presença de psicopatologias (BOAS, DESSEN, MELCHIORI 2010).

O conflito pode surgir ainda, devido à “existência de um modelo idealizado de família e um modelo real” (SILVA, 2008, p. 39); o conflito também “pode estar a serviço, inconscientemente, da manutenção do vínculo”. (ZIMERMAN, 2002 apud SILVA, 2008, p. 39). A questão financeira é outro fator citado por Silva (2008), também sempre presente quando o assunto é conflitos familiares. Wilhelm e Oliveira (2011, p. 184) pontuam algumas causas que impedem o relacionamento satisfatório, que pode ocasionar conflitos, como a falta de respeito, falta de diálogo e falta de consenso, e dificuldade na comunicação. Ávila (2004) destaca também a comunicação deficiente como causas dos conflitos nas relações interpessoais, além das emoções exageradas e percepções errôneas.

Assim como as causas dos conflitos são diversas, os indivíduos também reagem de modo particular as situações conflituosas. Para Ávila (2004), a reação de cada sujeito vai depender da experiência de vida de cada cônjuge, bem como das suas crenças e valores, “cada um tem seu próprio estilo, uns são pragmáticos, extrovertidos, outros conciliadores ou analíticos.” (ÁVILA, 2004, p. 32). Essa reação frente ao conflito, segundo as autoras irá influenciar na manutenção do conflito, em evitá-lo, aumentá-lo ou reduzi-lo. Se esses conflitos forem mantidos, eles podem afetar o relacionamento do casal.

Problemas conjugais podem ter impacto em outros aspectos do relacionamento. Fincham e Beach (1999) apontam que o conflito conjugal pode afetar negativamente tanto a saúde dos cônjuges (depressão, distúrbios alimentares, alcoolismo, distúrbios de ansiedade e psicopatologias) quanto a saúde familiar (práticas parentais pobres, ajustamento pobre da criança, aumento da probabilidade de conflitos pais-criança e conflitos entre irmãos). (BOLSONI-SILVA E MARTURANO, 2010, p. 32)

Diante do que foi exposto acima, conclui-se o fato que diferenças específicas entre os cônjuges podem causar conflitos, e essas situações conflituosas tendem a prejudicar a relação, afetando também o ambiente familiar e as pessoas nela envolvidas. Porém é preciso pensar que, se os conflitos existem nas relações interpessoais, fazendo parte do desenvolvimento humano, devem contribuir também para o crescimento da relação conjugal.

Para Mosmann e Wagner (2008, apud BOAS, DESSEN, MELCHIORI 2010, p. 94), “embora todas as uniões matrimoniais sejam caracterizadas por algum grau de conflito, os conflitos não envolvem apenas emoções negativas; pelo contrário, podem envolver também aspectos

positivos”. Para os autores os conflitos são destrutivos ou construtivos dependendo da maneira dos sujeitos lidarem com eles, “enquanto alguns podem resultar em insatisfação e infelicidade, outros podem levar ao estreitamento das relações entre os membros da família” (BOAS, DESSEN, MELCHIORI, 2010, p. 94). Outra autora que faz a mesma discussão é Benetti (2006, p. 263) que ressalta que todo o sistema familiar envolve certo nível de conflito, mas esse pode ser um aspecto positivo, por exemplo, no processo de desenvolvimento psicológico infantil, pois a criança aprende que adultos podem discordar, mas ainda assim encontrar uma forma de resolver suas dificuldades.

Assim, é importante, frente ao conflito, ir de encontro ao que dizem Ávila (2004, p. 36), “os indivíduos irão encontrar novas saídas no momento em que deixarem de ver o conflito como uma batalha a ganhar e o considerarem como um problema a ser resolvido.” Para as autoras os conflitos de uma maneira geral são naturais e inerentes na vida dos sujeitos. Por esse motivo hoje em dia não devem ser vistos nem como negativos nem como positivos, a questão está na maneira como as pessoas lidam com eles. É preciso então utilizá-los de forma eficaz e produtiva.

3 MÉTODO

Para Leonel e Motta (2011, p. 64) “palavra método vem do grego *methodos* e é composta de *metá* (através de, por meio de) e de *hodós* (via, caminho)” assim “foi utilizada neste sentido, querendo designar via, caminho, meio ou linha de raciocínio”. As pesquisas segundo Leonel e Motta (2011) podem ser classificadas quanto à abordagem, podendo ser quantitativas ou qualitativas. O método que guiou esta pesquisa foi o qualitativo. “O principal objetivo da pesquisa qualitativa é o de conhecer as percepções dos sujeitos pesquisados acerca da situação-problema, objeto da investigação”. (LEONEL E MOTTA, 2001, p. 108). Quanto a técnica utilizada para o presente estudo, foi uma entrevista semi-estruturada, que “consiste em uma forma de interação verbal não convencional, ou seja, é um diálogo estruturado em que o entrevistador deve registrar as informações para posterior análise” (LEONEL E MOTTA, 2001, p. 80). “Por meio deste tipo de pesquisa se obtém dados descritivos com o contato direto e interativo do pesquisador na situação objeto de estudo” (WIGGERS, 2011, p. 28). A compreensão dos fenômenos deve ser feita, ainda de acordo com Wiggers (2001), “a partir da perspectiva dos entrevistados, considerando a situação em estudo para que posteriormente seja feita a interpretação dos dados coletados”. A presente pesquisa teve como principal objetivo identificar a percepção dos casais sobre conflito conjugal.

Para Leonel e Motta (2011, p. 100) o tipo de pesquisa classifica-se de acordo com o nível de profundidade do estudo ou objetivos. Seguindo esse critério esta pesquisa foi classificada como descritiva que é aquela “que analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los” (LEONEL E MOTTA, 2001, p. 103). Foi também exploratória, que para os autores tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo. De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória geralmente se baseia em entrevistas com pessoas que passaram pela situação a ser estudada. Esse tipo de pesquisa permite flexibilidade no delineamento do estudo, podendo “assumir caráter de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, estudos de caso, levantamentos etc.” (LEONEL E MOTTA, 2011, p. 102). Nessa pesquisa especificamente, o delineamento foi caracterizado como estudo de caso, que para Leonel e Motta (2011, p.129) pode ser definido com um estudo exaustivo, profundo e extenso de uma ou de poucas unidades (pessoa, família, comunidade, uma empresa, um regime político, uma doença etc.) empiricamente verificáveis, de maneira que permita seu conhecimento amplo e detalhado. Para os autores o estudo de caso é ainda uma modalidade que “pode oferecer, qualitativamente, as condições para a investigação particular e exaustiva do objeto.” (LEONEL E MOTTA, 2011, p. 130)

3.1 PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO

Os participantes desta pesquisa foram três homens e três mulheres, que partilhavam de um relacionamento amoroso ou de uma relação conjugal por mais de cinco anos, com idades que variaram de 27 á 43 anos. O critério de idade dos participantes foi aleatório, com o propósito de abranger diferentes fases de desenvolvimento da família, que conforme apontam Turner e West (1998, apud BOAS, DESSEN E MELCHIORI, 2010), são uma das variáveis de mudança dos conflitos. Abaixo quadro com dados dos participantes:

Quadro 1 – Dados dos participantes da pesquisa.

Sujeitos	Sexo	Idade	Estado civil	Tempo de relacionamento
F1	Feminino	32	Casada	7 anos de relacionamento – casada há 4 anos
M2	Masculino	33	Casado	11 anos de relacionamento – casado há 7 anos
F3	Feminino	43	Casada	30 anos de relacionamento – casada há 25 anos
M4	Masculino	29	União estável	5 anos de relacionamento – Mora junto há 2 anos
F5	Feminino	27	Casada	7 anos de relacionamento – casada há 3 anos
M6	Masculino	43	Casado	20 anos de relacionamento – casado há 20 anos

Fonte: Elaboração da autora, 2012

3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para a coleta de dados desse estudo foi uma entrevista semi-estruturada (APÊNDICE A), que teve um tempo médio de 45 minutos ,contendo questões que buscavam atender ao objetivo geral da pesquisa, ou seja, identificar a percepção de sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presente na conjugalidade. A pesquisa investigou o relacionamento dos entrevistados, as expectativas que tiveram na relação, a forma como definem seu relacionamento, e ainda as principais causas de seus conflitos e principais estratégias de resolução dos mesmos.

Por tratar de pontos da intimidade da relação conjugal, o sigilo e a ética foram imprescindíveis nesta pesquisa, respeitado os princípios éticos dos processos de pesquisas com seres humanos. Segundo Lüdke e André (1986, apud WIGGERS, 2011, p. 31) “a relação ética é um

aspecto fundamental na validade da pesquisa qualitativa, a partir de uma relação de confiança proporcionada pelo pesquisador aos entrevistados desde o primeiro contato”. Por esse motivo foi utilizado um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B). Abaixo se apresenta quadro que ilustra as questões da entrevista semi-estruturada, visando responder diretamente aos objetivos específicos:

Quadro 2 - Roteiro de perguntas norteadoras da pesquisa

Objetivos específicos	Questões norteadoras
Identificar as principais causas dos conflitos nas relações conjugais.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais fatores você considera indispensáveis para um casal ser considerado bem-casado ou para um relacionamento estável 2. Vocês se consideram bem casados? Por quê? 3. Quais fatores você considera que causam desentendimentos em uma relação? E por quê? 4. Quais os motivos/situações mais comuns que causam aos desentendimentos na sua relação? 5. Com que frequência ocorre desentendimentos na sua relação? 6. O que você percebe como sendo desmotivações e motivações no seu casamento?
Identificar as principais estratégias para a resolução dos conflitos nas relações conjugais.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como você reage quando ocorre um desentendimento na sua relação? 2. Como são resolvidas em geral as diferenças, desentendimentos ou dificuldades no seu relacionamento? 3. Como você avalia os conflitos na relação, eles são sempre negativos?

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

3.3 SITUAÇÃO E AMBIENTE

As entrevistas ocorreram em um local combinado previamente entre os participantes e a pesquisadora. Tomando o cuidado para que o local fosse reservado, com iluminação, equipamentos adequados para a realização da entrevista e livre de ruídos. Dessa forma as entrevistas ocorreram no local de trabalho dos participantes, em uma sala reservada, somente com a presença da pesquisadora

e do participante. Cada entrevista foi realizada com um participante de cada vez. A pesquisadora explicou para cada sujeito sobre a pesquisa, após a explicação a pesquisadora entregava duas cópias do termo de consentimento livre e esclarecido, explicando que uma cópia ficaria com o participante e outra com a pesquisadora, após os participantes assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a gravação de voz e ficando cientes dos princípios éticos da pesquisa, iniciava-se as entrevistas.

3.4 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Para a realização dessa pesquisa foi utilizado um aparelho MP4 para gravar as entrevistas, roteiro de entrevista impresso, papel e caneta.

3.5 PROCEDIMENTOS

3.5.1 Seleção e contato com os participantes

Após a aprovação do comitê de ética em pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina, a seleção dos participantes foi feita através da rede de relacionamentos da pesquisadora. Foi feito contato telefônico prévio com os sujeitos de uma empresa no centro de Florianópolis, em que a pesquisadora explicou os objetivos e procedimentos da pesquisa. Quando o encontro entre pesquisadora e entrevistados ocorreu, a pesquisadora reafirmou os objetivos e procedimentos da pesquisa e apresentou também o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B) para que fosse assinado.

3.5.2 Coleta e registro dos dados

Os dados foram registrados com um aparelho MP4 e com o auxílio de um roteiro de entrevista semi-estruturado, que tem como objetivo conduzir a realização das entrevistas.

3.5.3 Organização, tratamento e análise de dados

As entrevistas foram analisadas por meio da análise de conteúdo. Para Lakatos, Marconi (1996, p.77) este modo de análise busca “extrair generalizações com o propósito de produzir categorias conceituais que possam vir a ser operacionalizadas em um estudo subsequente”.

Como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação. (MORAES, 1999, p.7)

Assim a elaboração das categorias foram a posteriori, ou seja, após a realização das entrevistas, foram definidas categorias e subcategorias que mais se aproximem das falas dos participantes, de acordo com os objetivos específicos. Todas as categorias e subcategorias serão apresentadas e discutidas na análise de dados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

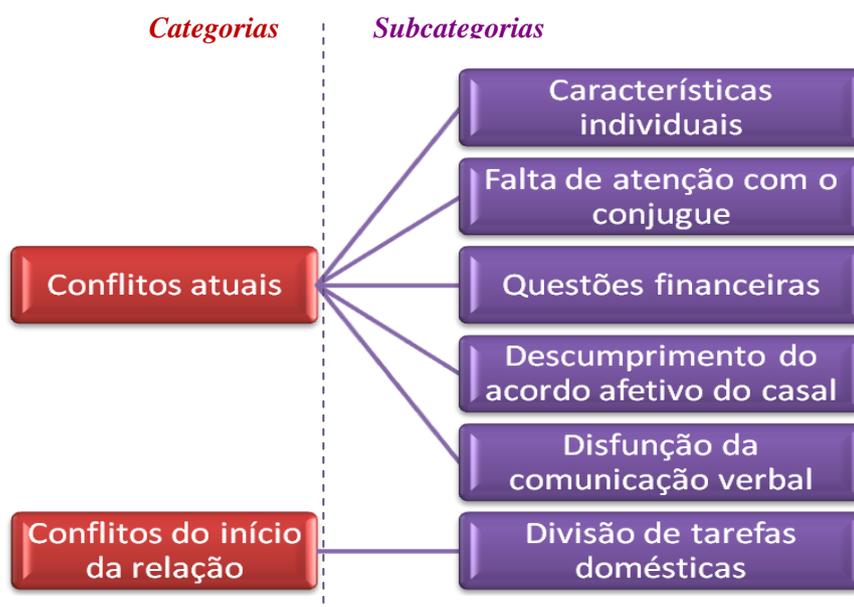
A análise dos dados coletados será apresentada a seguir através de categorias, que foram construídas a partir das respostas obtidas para cada objetivo específico e para o objetivo geral. De acordo com Bardin (1977, p. 119) a categorização tem como função apresentar de modo simplificado os dados, nas palavras da autora a categorização “é passagem dos dados brutos para dados organizados”. Facilitando assim a análise, que neste caso será realizada através de análise de conteúdo, que já foi melhor explicada no capítulo de MÉTODO.

4.4 CAUSAS DE CONFLITOS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

“Brigar pra quê, se é sem querer...” Renato Russo.

Este capítulo foi criado com o propósito de responder ao primeiro objetivo específico, ou seja, identificar as principais causas dos conflitos nas relações conjugais. Deste modo foi preciso questionar aos entrevistados, quais os principais motivos e causas que levavam os entrevistados a um desentendimento conjugal. Os dados foram apresentados partindo de falas dos sujeitos que participaram dessa pesquisa. A partir das respostas obtidas, foram desenvolvidas as seguintes categorias e subcategorias, conforme Figura 1:

Figura 1 – Categorias e Subcategorias correspondentes as principais causas dos conflitos nas relações conjugais.



Fonte: Elaboração da autora, 2012.

4.4.1 Conflitos no Início da Relação

De acordo com Pregolato (2003) após a fase de encantamento, o início da vida a dois passa por um período em que a idealização ao relacionamento e ao cônjuge já não possui um lugar central na relação, e este lugar é tomado pela percepção do outro tal como ele é. Deste modo quando as projeções são deixadas de lado podem surgir “conflitos que terão conseqüências sobre o relacionamento como um todo” (PREGNOLATO, 2003, p. 4). Duas das participantes desta pesquisa (F1 e F3) afirmaram que no início da relação os conflitos aconteciam com mais frequência, como pode ser exemplificado na fala de F3: *“Então de repente eu agora eu tenho mais confiança das coisas, e quando a gente casou assim no começo, talvez porque casei muito nova. Ah eu ficava braba, por qualquer motivo a gente já brigava. Ficava uma semana sem se falar, mas isso eu acho que é tudo imaturidade, por não saber. Porque a vida de casal é um aprendizado, a gente vai aprendendo a se conhecer e vai descobrindo o que gosta o que não gosta e acaba não fazendo mais aquilo. E de repente não acontece mais os atritos, as coisinhas. As indiferenças que fazia entrar em conflito, em brigas.”*

A fala de F3 mostra que dentro de um relacionamento conjugal o casal deve aprender a conviver com as diferenças do cônjuge, e essas diferenças são descobertas no cotidiano da vida a dois, conforme aponta a literatura,

Ao longo de uma relação a dois, uma fase de decepção segue-se à ilusão inicial, não porque os parceiros estivessem propositadamente escondendo parte de si mesmos, mas porque a convivência revela necessariamente aspectos menos atraentes de cada personalidade, exigindo de ambos maturidade emocional para lidar com frustrações. Esse movimento de ajuste à realidade pode variar em intensidade e potencial para gerar conflitos destrutivos, mas está sempre presente nas trajetórias conjugais. O principal desafio do casamento é ultrapassar a fase da decepção, mantendo o amor, a consideração e a admiração de um pelo outro mesmo diante de suas imperfeições (TAVORA, 2004, apud TAVORA, 2009, p. 52).

Segundo Ferés-Carneiro (1998), quando duas pessoas se unem, constroem juntos a vida de casal, uma identidade conjugal, e convivem em conjugalidade. Mas viver em conjugalidade implica em saber partilhar a vida dois, os papéis de cada um, incluindo a divisão de tarefas domésticas, implica também em lidar com as características individuais de cada membro do casal.

4.1.1.1 Divisão de Tarefas Domésticas

Esta subcategoria foi criada a partir da fala de duas participantes da pesquisa (F1 e F3), pois suas respostas apontaram que no início da relação quando os cônjuges passam pelo processo de construir a identidade conjugal, a divisão de tarefas domésticas era um fator desencadeante de conflitos conjugais.

Quadro 3 :U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos no início da relação devido a divisão de tarefas domésticas.

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
Divisão de Tarefas Domésticas	<p>F1: <i>Então pra mim era inconcebível o cara não fazer nada e eu ter que fazer tudo e ainda trabalhar fora.</i></p> <p>F3: <i>Ele começou a estudar, era presidente da CDL, daí eu tinha que fazer tudo. Daí eu tinha que vender. Comprar, e atender, limpar, cuidar do filho e tudo. E sobrecarreguei e cheguei num estresse.”</i></p>	2

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

No início da relação o papel, as funções e as responsabilidades de cada membro do casal não são claramente definidos, pois a interação vai se estabelecendo aos poucos. Essa falta de clareza pode causar estresse e desconforto em um dos cônjuges, que acaba se sentindo sobrecarregado. Conforme pode ser detectado na fala de F3: *“Logo que eu casei o meu sogro tinha um supermercado... Nós montamos uma filial pra gente, meu sogro tinha a matriz e nós uma filial em outro bairro... A gente não sabia mais separar, o trabalho da nossa vida conjugal. Nosso trabalho era embaixo, o apartamento em cima, e o meu filho pequeno. Foi um tempo muito difícil, muito difícil mesmo, eu tive muita vontade de abandonar tudo sabe. De me separar, por causa disso. Daí ele queria fazer as coisas dele e me deixar sozinha no mercado, cuidando de tudo e ainda da casa. Ele começou a estudar, era presidente da (...), daí eu tinha que fazer tudo. Daí eu tinha que vender. Comprar, e atender, limpar, cuidar do filho e tudo. E sobrecarreguei e cheguei num estresse.”*

Os conflitos devido a falta de clareza na divisão de tarefas foi resultado da fala de duas mulheres, o que nos remete pensar no papel que a mulher ocupou ao longo da história, e de como ela é, ainda, muitas vezes vista na sociedade, ou seja, a mulher é vista como responsável pelos cuidados do lar. Pode-se levantar a hipótese de que em outros tempos as mulheres não se incomodariam tanto com esse fato ao ponto de chegar a causar um conflito conjugal. Mas a entrada da mulher no mercado de trabalho fez com novas configurações de família surgissem, bem como novas configurações de vida conjugal.

O primeiro modelo de família caracteriza-se pela divisão rígida de papéis sociais e de gênero. Um dos cônjuges, normalmente o marido, envolve-se com trabalho remunerado, enquanto a esposa cuida dos afazeres domésticos e dos filhos. No segundo modelo, denominado de dupla renda, ambos os esposos estão envolvidos com o trabalho remunerado. Normalmente a esposa apóia e facilita a carreira do marido. Promove-o e percebe seu próprio trabalho como uma forma de auxiliar na composição da renda familiar. As tarefas de casa são ainda incumbência da esposa. O terceiro modelo familiar, composto pelo casal de dupla carreira, na verdade não deixa de ser uma família de dupla renda. O que o distingue do modelo anterior é o nível mais profundo de

envolvimento com a carreira, preservado o desejo de manutenção de uma vida afetiva a dois. A distribuição das tarefas da casa, bem como o cuidado dispensado aos filhos, são mais compartilhados entre homens e mulheres do que nos modelos anteriores. (MONTEIRO, 2001, s/p)

Diante dessa nova configuração, os casais precisam estabelecer um acordo de divisão de tarefas, em que nenhum dos dois se sinta prejudicado. De acordo com Monteiro (2001) nenhum dos cônjuges deve se sentir subordinado ao outro, mas ambos podem se comprometer tanto com o investimento pessoal como com a vida familiar. “Essa dedicação de ambos os cônjuges à família e à profissão sinaliza uma mudança fundamental desse tipo de casal em comparação com o relacionamento conjugal tradicional” (MONTEIRO, 2001, s/p). No caso da participante F1, o início do relacionamento foi marcado justamente pela falta desse acordo, F1: *“Quando a gente casou, como meu marido assim tinha mãe e duas irmãs, ele não fazia nada em casa. E eu vim de uma família, que meu pai era falecido e minha mãe sempre trabalhou fora, e trabalhava em casa e eu e minha irmã junto. Então pra mim era inconcebível o cara não fazer nada e eu ter que fazer tudo e ainda trabalhar fora. Então a gente teve muitas brigas nesse sentido, mas nunca de perder o respeito, de xingamentos, de palavrões. Porque pode ter briga assim, de você estar com o emocional exaltado, pra expor a sua situação, e tentar expor de uma maneira racional. No meu caso né, então eu digo: ao (nome do marido) eu estou muito brava que era para você ter feito tal coisa e não fez, eu faço isso, aquilo e você não faz nada. Então a gente teve bastante discussão nesse aspecto.”*

A fala de F1 mostra que houve falta de igualdade no início da relação ao que se refere a divisão de tarefas domésticas, mas também demonstra que o cônjuge trás consigo um outra história de vida, uma outra criação fruto de sua família de origem. A falta de igualdade na divisão de tarefas domésticas é apontada por Perlin e Diniz (2005), como um fator gerador de estresse no ambiente familiar. Porém as autoras pontuam que esse aspecto também deve ser somado com o fato de que os parceiros possuem percepções diferentes sobre os papéis no casamento e família. A percepção dos cônjuges sobre determinados aspectos podem ser diferentes devido ao fato de cada membro da díade possuir características individuais, e este será outro tema debatido a seguir como causador de conflitos na relação.

4.4.2 Conflitos atuais na relação

Conforme já apontado no capítulo de PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA, os conflitos são comuns nas relações conjugais, pois este contexto segundo Boas, Dessen e Mechiori (2010), envolve um confronto entre a conjugalidade do casal e a individualidade dos cônjuges. Os conflitos têm variação de causa, frequência, intensidade, conteúdo, resolução e também variação conforme a fases do desenvolvimento no curso de vida familiar. Portanto, independente do tempo que o casal tem de relacionamento, os conflitos estarão sempre presentes na relação. Nesta pesquisa, todos os 6 participantes relataram ter algum tipo de conflito atual, e o que foi investigado foram as principais causas desses desentendimentos, a partir das respostas obtidas criaram-se as seguintes subcategorias: Características Individuais, Falta de Atenção com o Cônjuge, Questões financeiras, Disfunções na Comunicação Verbal e Descumprimento ao contrato afetivo do casal. Essas subcategorias serão caracterizadas e discutidas a seguir.

4.1.2.1 Características Individuais

As características individuais remetem ao jeito de cada um ser, pensar, nas crenças, na religião, na forma de ver as coisas, na forma de falar e agir, ou seja, no jeito único e singular que cada ser humano possui. Mas mesmo que cada pessoa tenha seu jeito único, todos procuram viver em sociedade com pessoas que compartilhem com sua maneira de ser. E assim, é claro, ocorre também nos relacionamentos amorosos. De acordo com Silva, Menezes e Lopes (2010) as motivações pela escolha do cônjuge podem ser transgeracionais, por similaridades ou por complementaridades. E mesmo encontrando um cônjuge que partilhe ao máximo seu modo de ser, é preciso ter claro que este outro possui suas características individuais, características que agradam e que não agradam, mas que é preciso saber conviver com elas. Esse fato surgiu na fala de duas das participantes da pesquisa.

Quadro 4: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido a características individuais.

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
Características Individuais	F1: <i>Eu gostaria que ele fizesse algumas coisas do meu jeito que faço, e ele gostaria que eu fizesse as coisas do jeito que ele faz.</i> F3: <i>É agora assim... Até esses dias tava conversando com ele. Que ele tem defeitos, assim como eu tenho.</i>	2

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Saber conviver com as características individuais do outro segundo Féres-Carneiro (1998) é um aprendizado. O não saber, ou o ainda não aprendido, conviver com essas características do outro pode ser um fator desencadeante de desentendimentos conjugais. Exemplificado primeiramente na fala de F1: *“Então, os motivos mais comuns é que assim, eu gostaria que ele fizesse algumas coisas do meu jeito que faço, e ele gostaria que eu fizesse as coisas do jeito que ele faz. Por exemplo, eu não gosto de fazer festa, eu vou em festa mas eu dar a festa eu não gosto. Eu não ligo muito, não fico convidando muita gente pra ir na minha casa, não sou muito social. O meu marido já não, ele foi criado numa família muito festeira. Então o que acontece:, vai gente lá em casa, amigos, parentes, eu sirvo os parentes e tal do meu jeito, e ele quer que eu sirva de outro jeito, porque ele é muito assim, do que os outros vão pensar. Então se tem uma coisinha assim bagunçada na sala ele quer arrumar, quer arrumar tudo, deixar tudo assim, porque nossos amigos estão vindo e não sei o que, e eu já não, nossos amigos tão vindo e o que tem que ta vindo é nosso amigo, não tem problema que ta bagunçado. Então a gente briga um pouco assim nesses aspectos. Nada assim de tapa na cara, só assim discordâncias, que ele quer que eu faça as coisas assim. Da minha parte é que eu queria que ele levasse a carreira profissional dele de um jeito, que talvez ele leve de outro. Não quer dizer que o dele ta errado, mas é a visão de cada um assim.”*

A constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo. Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Assim, o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais a que chamei, no título deste artigo de "o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade". Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais. (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 83)

De acordo com Negreiros e Féres-Carneiro (2004), outro aspecto que deve ser considerado, é que em casais heterossexuais, os papéis sociais de homem e mulher também influenciam no casamento. No caso da participante F3, o incômodo com relação a uma característica individual do cônjuge apareceu na seguinte fala: *“É agora assim... Até esses dias tava conversando com ele. Que ele tem defeitos, assim como eu tenho. Eu acho ele um pouco machista, e eu digo pra ele que ele se acha o dono da verdade, por exemplo, eu tenho certeza de alguma coisa que aconteceu, ou eu li no jornal, ou vi na TV, ou alguém comentou, eu tenho certeza do que eu to falando. E ai ele me contraria: Não, mas não pode. Não é assim. Daí eu digo: Mas eu vi, eu vi ta lá, olha ali lê isso. E ele: Não, não. Então é por isso, não sei se é a personalidade dele que é mais machista.”*

Já que as características individuais dos cônjuges influenciam na relação conjugal e é um aspecto inevitável de ser encarado, a literatura aponta que é preciso estabelecer um convívio entre a individualidade e a conjugalidade,

Singly (1993), ao ressaltar as características individualistas da família e do casal contemporâneos, enfatiza a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros. A relação conjugal vai se manter enquanto for prazerosa e "útil" para os cônjuges. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades. (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 83)

Como destacado pela autora, dentro do relacionamento amoroso é preciso não só saber conviver com as individualidades, mas também ceder diante delas para dar espaço a conjugalidade. Isso envolve saber separar um tempo para si, um tempo para o outro, e um tempo para os dois como casal. Pois a falta de atenção ao cônjuge, ou a falta de atenção a vida de casal, pode ser outra causa de desentendimentos na relação.

4.1.2.2 Falta de Atenção Com o Cônjuge

De acordo com Norgren *et al* (2004, p. 576) dentro do relacionamento amoroso existe a implicação de ser correspondido nas próprias necessidades e desejos, bem como corresponder ao que o outro espera, de acordo com os autores isso se define por “um dar e receber recíproco e espontâneo”. Esse dar e receber de acordo com os autores estão ligados com sensações e sentimentos que envolvem “bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, fatores que propiciam intimidade no relacionamento, decorrendo da congruência entre as expectativas e aspirações que os cônjuges têm em comparação à realidade vivenciada no casamento”. (NORGREN *et al* 2004, p. 576)

Se esse dar e receber recíproco e espontâneo não ocorre no relacionamento amoroso um dos cônjuges pode sentir-se “desamparado” e cobrar de seu parceiro, causando conflitos na relação, como aconteceu com um dos sujeitos dessa pesquisa.

Quadro 5: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido a falta de atenção com o cônjuge

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
Falta de Atenção Com o Cônjuge	M2: <i>Acontece bastante essa questão ai de eu não dar atenção pra ela.</i>	1

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

M2 afirma que a maioria dos conflitos de sua relação ocorrem devido à queixa de falta de atenção por parte de sua esposa, nas palavras de M2: *“Às vezes tem uma coisa ou outra, principalmente quando eu vou jogar futebol, porque esporte eu faço com frequência. Então às vezes sábado e domingo eu vou jogar também e ela fica meio chateada, diz que não dou atenção pra ela, pro filho... Acontece bastante essa questão ai de eu não dar atenção pra ela. De às vezes não deixar o computador, eu trabalho com computador e chego em casa fico no computador, ou fuçando o celular. E a parte do futebol que final de semana é pra estar em casa, e ai se tem um campeonato de futebol, aos sábados e domingo eu vou. A maioria das vezes é isso, é a falta de atenção que eu dou pra ela.”*

A questão de dar e receber também são apontados como parte do desenvolvimento do relacionamento amoroso por Lima, Vieira e Soares (2006, p.61), em sua pesquisa sobre a vinculação em casais, as autoras afirmam,

Os resultados apontam para uma associação entre, por um lado, o sentido de autonomia pessoal e envolvimento com o outro e, por outro lado, a capacidade de recorrer ao outro e lhe prestar cuidados em situações de mal-estar, sugerindo que, nesta dialética do dar e receber se consubstancia o equilíbrio entre o desenvolvimento pessoal face ao (e em benefício do) desenvolvimento da relação. (LIMA, SOARES e VIEIRA, 2006, p.61)

Pregolato (2003) destaca que a necessidade de afeto e cuidado do outro, vem do desejo que o indivíduo tem de manter a relação amorosa, pois quando duas pessoas optam por viver juntos, esse tipo de relacionamento exige um envolvimento mais profundo entre os cônjuges. E para existir esse envolvimento é preciso que ao se deparar com as características individuais, os cônjuges possam trabalhar em conjunto num processo de aceitação recíproca. Essa aceitação envolve, como já mencionado, saber conviver com as características individuais do outro, pois essa outra pessoa tem seu próprio modo de lidar com as questões do dia-dia, incluindo as questões financeiras, que muitas vezes é um fator desencadeante de conflitos conjugais.

4.1.2.3 Questões Financeiras

De acordo com Silva (2008) as questões relacionadas às finanças são uma das causas comuns de desentendimentos conjugais. Nessa pesquisa dois dos participantes relatam que quando se trata da forma como cada cônjuge tem de lidar com o dinheiro, ocorrem desentendimentos na relação devido a divergências na forma de manejar os gastos financeiros.

Quadro 6: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido a questões financeiras.

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
Questões Financeiras	M4: <i>Às vezes fico um pouco bravo com ela por causa do dinheiro, porque ela gasta mais.</i> M6: <i>Outra questão assim é a financeira, que ela é mais pé no chão, e eu sou mais de esbanjar.</i>	2

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

A questão financeira pode causar conflitos, pois segundo Wilhelm e Oliveira (2011), o ter e o não ter dinheiro é um dos aspectos que facilita ou impede a satisfação conjugal. Quando questionados sobre a principal causa dos conflitos na relação, os dois participantes relataram diretamente a causa de conflitos com a forma de cada cônjuge conduzir as finanças, como apresentada na fala de M6: “*Outra questão assim é a financeira, que ela é mais pé no chão, e eu sou mais de esbanjar, às vezes eu me enrolo, mas depois eu contorno a situação, dou a volta, mas ela não gosta que eu crie as situações que me enrole. Então isso assim que faz a gente ter desentendimentos.*”

Garcia e Tassara (2003, p.131) realizaram uma pesquisa em que analisavam qualitativamente os problemas no casamento, os resultados de seu estudo mostrou que controle do dinheiro “explicitava um embate da díade” referente a como cada membro do casal viam os seus papéis dentro da relação no que se referia a “distribuição do orçamento e a definição quanto aos investimentos a serem feitos”, esse embate ocorre devido a ausência de um acordo sobre como o casal deve manejar as finanças. A falta de consenso sobre o manejo das questões financeiras também é apontado por M4, que diz: “*Às vezes fico um pouco bravo com ela por causa do dinheiro, porque ela gasta mais. E cada um tem as suas contas individuais e cada um faz a sua gestão diferenciada. Eu sou mais econômico e ela é de gastar mais. Compro menos, e ela compra mais... Até agora pouco tempo aconteceu isso, e nós compramos um apartamento juntos, fizemos uma dívida grande que precisa da participação financeira dos dois, e ela pensou em sair do emprego dela. Ai eu falei - olha agora nós temos um compromisso, não tenho como levar sozinho, e vai se*

tornar algo problemático se tu abandonar. Porque nós dois agora moramos juntos, no passado, por exemplo, que não tínhamos essas dívidas era algo mais fácil de resolver. Uma dívida financeira é uma coisa complexa de trabalhar né. Nesse caso foi um apartamento que a gente comprou. Se ela sai eu não consigo manter a casa e a dívida, então mexe com os dois e não com um só.”

As falas de M4 e M6 mostram que cada pessoa lida com dinheiro de forma particular, que foi desenvolvida ao longo da vida, pelos ensinamentos familiares, pelas experiências de vida e pelo contexto em que viveu. Mas dentro das relações amorosas, como já mencionado, é preciso que o casal defina sua dinâmica conjugal, Garcia e Tassara (2003) destacam que é preciso deixar claro os papéis de cada um na relação, bem como aquilo que se espera do outro, esclarecendo o que desejam e o que deve ser evitado. Assim as questões financeiras também precisam ser colocadas dentro de um acordo estabelecido pelo casal. Para poder conviver bem o casal deve entrar em acordo quanto às questões conjugais, bem como estabelecer um contrato afetivo do casal. Mas caso esse contrato não seja cumprido, poderá causar desentendimentos nos relacionamentos amorosos.

4.1.2.4 Descumprimento Ao Acordo Afetivo do Casal

Esta subcategoria foi criada a partir da fala de um dos sujeitos entrevistados que relatou que umas das causas de conflitos atuais na relação, é o descumprimento ao acordo conjugal.

Quadro 7: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido ao descumprimento ao acordo afetivo do casal.

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
Descumprimento Ao Acordo Afetivo do Casal	M4: <i>E quando as regras do casal serve pra um e não serve muito pro outro.</i>	1

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Como já mencionado, Féres-Carneiro (1998) afirma que os casais criam uma identidade conjugal, essa informação corrobora com o estudo de Távora (2009) que discute sobre o acordo conjugal que os casais estabelecem, esclarecendo como a dinâmica do casal irá funcionar. Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa foi possível perceber que os sujeitos tinham estabelecido com seus cônjuges acordos para manter um relacionamento saudável.

As falas dos participantes vieram ao encontro com a literatura, pois todos os participantes disseram que em algum ponto da relação estabeleceram esse acordo nas suas vidas conjugais. Porém um dos participantes citou como causa de conflito a “quebra” desse acordo por parte de sua

parceira. M4 diz: *“E quando as regras do casal serve pra um e não serve muito pro outro, tipo: ah tu vai pode sair com amigos e eu não. Dai acaba dando conflito, como sair pra tomar um chopinho com os amigos, fazer uma janta, porque no ambiente de trabalho dela tem mais isso do que o meu... E não entender que a outra pessoa tem uma vida particular, outra coisa que queira fazer fora do relacionamento ou fora do trabalho.”*

É possível notar que as “regras do casal” na fala M4 diz respeito ao acordo afetivo que o casal deveria cumprir. De acordo com Távora (2009, p. 50) o casamento é estruturado por um contrato emocional que se refere à definição dos papéis e à forma particular como os parceiros se relacionam no dia-a-dia compartilhado e um código de ética que diz respeito a conduta dos cônjuges, estabelecendo limites de convivência, principalmente no que diz respeito ao trato de um com o outro, tanto o contrato emocional como o código de ética, segundo a autora, são construídos na intimidade de cada relação.

Ao longo do tempo, e com interações repetidas, as regras podem ser estabelecidas, modificadas ou confirmadas, definindo maneiras aceitáveis de tomar decisões, assim como de expressar carinho, desejo sexual, insatisfação, raiva ou mágoa. (TÁVORA, 2009, p. 51)

O que não fica claro na fala de M4 é como essas regras foram estabelecidas na relação. E isso é outro aspecto apontado por Távora (2009), segundo a autora o contrato entre o casal normalmente não é algo explícito e em parte é inconsciente. Essa informação está de acordo com Garcia e Tassara (2003) que dizem ser necessário estabelecer os papéis dentro da relação bem como o que se espera do outro e o que deve não deve/deveria ser feito. Assim é possível pensar que é preciso que o casal tenha uma boa comunicação ao estabelecer o acordo conjugal, pois as disfunções na comunicação são outra causa de conflitos na relação, conforme será discutido no subcapítulo a seguir.

4.1.2.5 Disfunções na Comunicação Verbal

O fracasso em conseguir se comunicar é apontado por Bereza et al (2005, p. 31) como um importante desencadeador de conflitos entre o casal. Essa afirmação vem ao encontro com a fala de dois dos sujeitos dessa pesquisa, que apontaram como causa de conflitos disfunções na comunicação verbal do casal.

Quadro 8: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator causa de conflitos devido disfunções na comunicação verbal.

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
Disfunções na Comunicação Verbal	F5: <i>Porque fui grossa no telefone... É porque foi grosso comigo...</i> M6: <i>Ah normalmente é uma palavra assim que vem meio atravessada.</i>	2

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

De acordo com Figueredo (2005, p. 127) “a comunicação se manifesta quando duas ou mais pessoas se encontram e trocam algum tipo de informação, a comunicação faz parte da rotina do ser humano e é através dela que as pessoas se reconhecem”. Bereza et al (2005, p. 31) também afirmam que a comunicação é um processo no qual os seres humanos compartilham informações, modos de vida, caracterizando-se como um fenômeno e também como função social.

A comunicação é um acontecimento comum em qualquer tipo de relação, e o ser humano precisa ser capaz de se comunicar de forma clara e objetiva, porém, segundo Reis (2010) a comunicação entre os cônjuges deve ser mais que uma simples forma de informação, ela precisa ser eficaz, pois de acordo com a autora esse é um fato fundamental para um casamento duradouro. Já nas palavras de Silva e Vandenberghe (2008, p.162) a comunicação que é um fato tão corriqueiro e estrutural na vida de todas as pessoas adquire elementos peculiares quando se trata de casal. Segundo Figueredo (2005) muitas vezes em casais que se queixam de insatisfação conjugal o aspecto atribuído é a dificuldade de comunicação.

Na interação do casal existem alguns comportamentos desencadeantes de conflitos, denominados de gatilhos. A crítica, a exigência, o acúmulo de aborrecimentos e mágoas e a rejeição são eventos que desencadeiam desavenças. Um dos cônjuges pode fazer uma observação que em seu ponto de vista seja uma sugestão construtiva, mas que para o seu parceiro é uma acusação injusta ou difamação. Outras vezes, o companheiro faz observações com a intenção de magoar ou puxar o outro para baixo. As solicitações e pedidos de um podem ser interpretados pelo outro como exigências injustas e ilegítimas. Quando ocorrem repetidamente, estes eventos tornam a pessoa mais sensível aos gatilhos, até que, com o passar do tempo, qualquer provocação acende uma discussão. (SILVA E VANDENBERGHE, 2008, p. 162)

Tal aspecto pode ser demonstrado na fala de F5: “*Acho que às vezes a gente acaba acumulando picuinhas, uma picuinha aqui outra ali. De repente acaba virando uma briga que começou e não sabe o motivo. Ai leva um tempinho pra acalmar, é o mais normal. Tipo nesse nível de gravidade é, porque fui grossa no telefone, mas eu estava com pressa. É porque grosso comigo, porque não em deixou lá quando me deixou aqui, porque trocou o canal se eu queria ver tal programação, por motivos bobos...*”

A dificuldade na comunicação não é apenas a falta dela, mas também a forma como as coisas são ditas, Silva e Vandenberghe (2008, p. 162) destacam que a “diferença da comunicação entre pessoas estranhas e a de casais é que, durante uma conversação entre cônjuges, um dos parceiros interrompe mais o outro; “puxa o parceiro pra baixo”; fere mais os sentimentos um do outro e são mais rudes entre si”. Essa afirmação da literatura vem ao encontro com o relato de M6: *“Ah normalmente é uma palavra assim que vem meio atravessada. Tipo ela diz alguma coisa que me machuca, no meu sentimento, tipo, às vezes até é coisas bobas, mas a insistência naquela situação. Eu não gosto de ser chamado atenção na frente das pessoas, e as vezes acontece de ela pegar eu esta conversando com algumas pessoas e ela dizer: pra que tu esta dizendo isso, tu esta errado, não tem nada a vê isso. Me contraia na frente de outra pessoa, a gente está numa conversa, cada um tem sua opinião, sua possibilidade de expressar aquilo que esta sentindo. E quando é em grupo, dai eu fecho o bico, não fala mais nada, me retraio, essa é minha reação... O certo é sentar e conversar. É o que seria o natural. Mas ai passa pela questão do orgulho, o orgulho interfere muito na relação. Admitir que esta errado é muito difícil.”*

Quando M6 diz: *insistência naquela situação* é possível notar que essa causa de conflito decorrente das disfunções na comunicação verbal é recorrente em sua relação, a reprodução de uma situação geradora de conflito também é apontada na literatura,

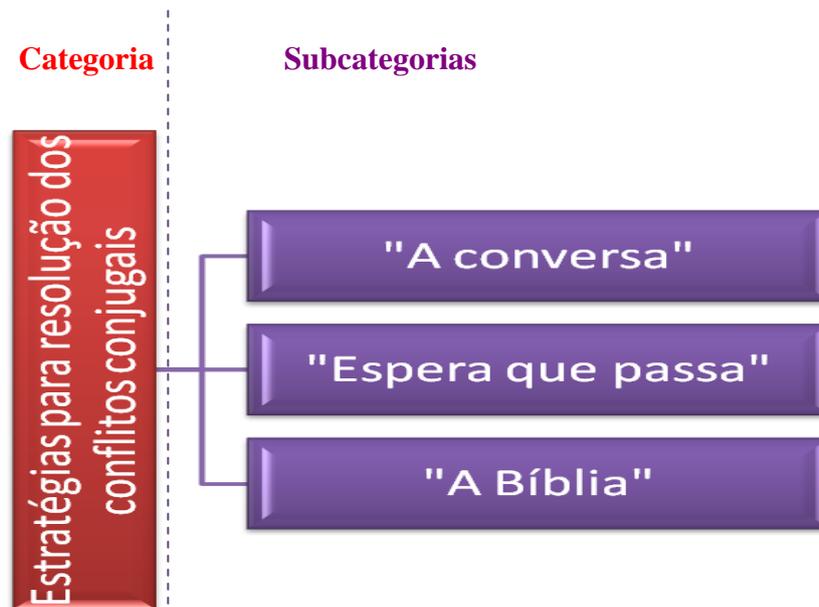
Outros problemas de comunicação também são enfatizados por Carey, Wincze e Meisler (1999): discutir um assunto e desviar para outro, adivinhar a intenção da declaração do parceiro, por achar que o conhece muito bem; embutir uma queixa em cada resposta dada ao parceiro e reproduzir a mesma discussão, repetidamente, sem progresso ou solução. (SILVA E VANDENBERGHE, 2008, p. 162)

A fala de M6 mostra que além de “repetir o conflito”, não houve uma solução adequada para a resolução do conflito. E como já mencionado nessa pesquisa, a resolução adequada dos conflitos é necessário para continuar (ou interromper) um relacionamento de forma saudável, para o amadurecimento dos cônjuges e para a satisfação conjugal. No próximo capítulo serão discutidas e descritas as estratégias de enfrentamento frente aos conflitos conjugais.

4.5 AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DOS CONFLITOS CONJUGAIS

Este capítulo corresponde ao segundo objetivo específico, *identificar as principais estratégias para a resolução dos conflitos nas relações conjugais*. Com o propósito de respondê-lo foi questionado aos participantes como eles reagem frente ao conflito conjugal e como o resolviam. A partir das respostas obtidas foram criadas as seguintes categorias:

Figura 2 – Categoria e subcategorias correspondente às estratégias para a resolução dos conflitos nas relações conjugais.



Fonte: Elaboração da autora, 2012.

4.5.1 “A conversa”

“Sei que às vezes uso palavras repetidas, mas quais são as palavras que nunca são ditas” Renato Russo

O ato de conversar foi relatado por quatro participantes da pesquisa, quando questionados como enfrentavam os conflitos conjugais. A comunicação verbal apareceu como estratégia para resolver os desentendimentos com o cônjuge.

Quadro 9: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator a conversa como estratégia de enfrentamento frente aos conflitos conjugais

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
-------	-------------------------------------	------------

“A conversa”	<p>F1: <i>Então a gente conversa isso, a gente aponta o que considera errado. A gente tem essa idéia que pra vida toda a gente tem que trabalhar.</i></p> <p>M2: <i>Daí depois que a gente conversa, e aí vê quem tava errado, quem tava com a razão.</i></p> <p>F3: <i>Ah hoje, hoje eu aprendi. Eu procuro sempre conversar.</i></p> <p>F5: <i>Tem que ir conversando ter paciência.</i></p>	4
--------------	--	---

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Entre as diversas formas de comunicação, Silva e Vandenberghe (2008, p. 162) destacam que uma delas é o ato de “um falar e o outro ouvir e vice-versa”. Para que a conversa seja eficaz, é preciso que aquilo que está sendo dito por um seja compreendido pelo outro. Assim o falar precisa ser claro, mas o outro também deve estar disposto a ouvir. Maldonado (2008) pontua a escuta respeitosa como um “magnífico recurso de comunicação”, pois permite um aprofundamento na origem do conflito, possibilitando assim a resolução. De acordo com a autora, “considera-se que 50% do processo de resolver conflitos depende da escuta. A partir daí é possível compreender, expressar sentimentos, ter empatia” (MALDONADO, 2008, p. 39).

A comunicação eficaz dentro do casamento é apontada pela literatura como um fator que proporciona a satisfação conjugal. Nesta pesquisa os participantes demonstraram que utilizam a conversa e o diálogo, para minimizar o mal estar causado pelo conflito, bem como para procurar resolvê-los de forma satisfatória, como pode ser demonstrado na fala de F3: *Ah hoje, hoje eu aprendi. Eu procuro sempre conversar. Porque eu ficava muito tempo com aquela mágoa, e hoje não procura mais ficar com isso, com aquele sofrimento. Eu sempre procuro resolver, antes não, eu guardava e ficava... Mas eu te digo, é aprendizado, é convívio, é amadurecimento, porque não tem outra explicação. Daí às vezes eu digo que eu queria ter essa cabeça que eu tenho agora quando eu casei.*

A fala de F3 demonstra que a comunicação é importante, mas mostra também outro aspecto já apontado nesta pesquisa, o fato de que o cônjuge precisa aprender a conviver com o outro, aprendendo a lidar com as diferenças, com “o ponto de vista” que o parceiro tem. Dessa forma, vão estruturando a identidade de casal, identificando os papéis, o que se espera, e o que deve ser evitado. Formando assim o acordo afetivo, também já mencionado nesta pesquisa, o contrato do casal precisa ser construído sem “ruídos” na comunicação.

De acordo com Silva e Vandenberghe (2008, p. 162), quando existem problemas na comunicação, ocorrem atitudes que ampliam o conflito ao invés de resolvê-lo tais como: “discutir um assunto e desviar para outro, adivinhar a intenção da declaração do parceiro, por achar que o

conhece muito bem; embutir uma queixa em cada resposta dada ao parceiro e reproduzir a mesma discussão, repetidamente, sem progresso ou solução.” Esses comportamentos segundo as autoras fazem com que a comunicação se torne aversiva, impedindo a solução satisfatória do problema. Já quando existe a assertividade e a empatia, Pereira (2011, s/p) pontua que esse tipo de conversa “faz com que o cônjuge sinta-se compreendido, acolhido, aceito, reduz a raiva do outro, tornando-a mais disponível para ouvir, e facilitando o diálogo de entendimento”.

Três mulheres que participaram dessa pesquisa relataram optar por uma conversa assertiva para resolver os conflitos, e apenas um homem destacou essa mesma opção, M2 diz: *Depois que a gente conversa, e ai vê quem estava errado, quem estava com a razão.... Primeiro eu deixo ela falar bastante, fico na minha, daí espero um pouco. Daí às vezes ela se rende, vem pedir desculpa pra mim, e ai eu vou falar com ela, que eu também estou errado. Daí a gente já resolve.*

Assim como M2, de maneira geral, nesse estudo os homens demonstram preferir primeiramente ficar em silêncio antes de partir para o diálogo, como veremos no próximo subcapítulo.

4.5.2 “Espera que passa”

“E eu sei que você sabe, quase sem querer, que eu quero o mesmo que você” Renato Russo.

O trecho da música interpretada por Renato Russo pode representar o exemplo de algo que fica entendido através da comunicação não verbal. No subcapítulo anterior foi discutida a comunicação através do fator conversa como estratégia de enfrentamento aos conflitos conjugais. Neste subcapítulo serão discutidas outras formas de comunicação, as não verbais, comportamentos relatados pelos três participantes do sexo masculino que foram entrevistados nesta pesquisa. Nas respostas obtidas pelos sujeitos, sobre como resolviam e lidavam com os desentendimentos conjugais, os entrevistados disseram preferir manter-se em silêncio, ou não falar sobre o desentendimento.

Quadro 10: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator esperar passar como estratégia de enfrentamento frente aos conflitos conjugais.

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
“Espera que passa”	M2: <i>Na hora assim um não fala com o outro, fica um silêncio, espera passar depois a gente conversa.</i> M4: <i>Deixa depois o tempo cura.</i> M6: <i>Nossa reação é mais ficar em silêncio, cada um no seu canto.</i>	3

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Ressel e Silva (2001, p. 151) dizem que a “comunicação não-verbal expressa nossos sentimentos e emoções, complementa, contradiz e substitui a comunicação verbal” . As autoras destacam que em determinada situação o silêncio pode representar a dificuldade em lidar com um assunto ou ocorrência. Pode-se pensar na hipótese de que os sujeitos que participaram desta pesquisa não possuem “habilidades” necessárias para resolver as discórdias de casal através da conversa, por esse motivo deixavam a esposa/companheira falar enquanto permaneciam em silêncio, ou esperavam a situação ficar, segundo os entrevistados, mais “tranquila” para se manifestarem. Tal fato pode ser exemplificado na fala de M2: *Primeiro eu deixo ela falar bastante, fico na minha, daí espero um pouco. Daí às vezes ela se rende, vem pedir desculpa pra mim, e aí eu vou falar com ela, que eu também to errado. Daí a gente já resolve. Às vezes acontece, mas no mesmo dia assim a gente já resolve. A gente não consegue ficar assim tempo brigamos sem se falar. Na hora assim um não fala com o outro, fica um silêncio, espera passar depois a gente conversa. Daí depois que a gente conversa, e aí vê quem tava errado, quem tava com a razão.*

O comportamento de silenciar ou se esquivar é discutido por Silva e Vandenberghe que afirmam, “esquiva impede a solução satisfatória do problema, que resulta de seu enfrentamento, tirando a chance do indivíduo de obter acesso a reforçadores maiores futuramente, e/ou agravando ainda mais o conflito” (2008, p. 162). Nesta pesquisa, no entanto, o ato de silenciar e se esquivar não apareceram como queixa de insatisfação, e sim como estratégia para manter o bem estar do casal, esse aspecto vem de encontro com a afirmação das autoras, que dizem,

Não é correto afirmar que somente os casais que dispõem de habilidades de comunicação muito sofisticadas gozam de maior satisfação conjugal... Expectativas positivas podem levar a circunstâncias melhores porque elas afetam e melhoram o comportamento; porém, se as pessoas têm expectativas altas e não alcançam resultados bons, elas podem ficar muito desapontadas. Assim, expectativa positiva quanto ao casamento nem sempre prediz uma satisfação conjugal, sendo mais importante que a expectativa do casal seja realista e compatível com suas habilidades e nível de estresse ambiental. (SILVA E VANDENBERGHE, 2008, p. 163).

Pode-se concluir que o fato de não dialogar sobre o conflito, não necessariamente causa insatisfação na sua relação, esse aspecto pode ser demonstrado na fala de M4: *Ah então ela vai lá fica pensando. Deixa depois o tempo cura. Não gosto de brigar, deixo ela falando sozinha. Ela fica braba, daqui a pouco bate a emoção e depois volta ao normal... Mas já aprendi como é o jeito dela, como ela enxerga as coisas, já vi que é momentâneo, daí deixo ela sozinha e depois tudo se resolve... O homem é mais tranquilo releva mais coisa pra ter um bom relacionamento. No meu caso também, eu acabo relevando pra manter um bom relacionamento... Ela é mais nervosa do que*

eu, assim eu sou o mais tranqüilo da relação ela é mais nervosa. Eu acho uma relação interessante, sadia.

O silenciar, deixar o outro falar e não conversar sobre o desentendimentos são comportamentos não verbais apresentados pelos sujeitos M2 e M4, porém esses dois participantes em um segundo momento partem para a comunicação verbal, ou para a conversa. Já o entrevistado M6 demonstrou outra forma de comunicação não verbal, que funciona como padrão na sua relação, ele e sua esposa não conversam em nenhum momento sobre o conflito, em suas palavras: *Nós não somos de discutir, de bater boca. Nossa reação é mais ficar em silêncio, cada um no seu canto. De ficar dois, três dias sem se falar. Dormimos juntos, mas sem se falar, depois fazemos as pazes. Normalmente dai se resolve a noite em baixo dos lençóis... O certo é sentar e conversar. É o que seria o natural. Mas ai passa pela questão do orgulho. O orgulho interfere muito na relação. Admitir que esta errado é muito difícil. Não conversamos, porque eu sou mais de dar o braço a torcer, eu sempre vou buscando a reconciliação.*

É possível pensar que M6 e sua esposa já formaram sua identidade de casal, e conhecem as pretensões um do outro, mesmo que não seja verbalizado. Afinal mesmo quando estamos calados, nos comunicamos, de acordo com Ressel e Silva (2001, p. 151) “todas as expressões e os movimentos corporais são carregados de significados específicos dentro do contexto, do tempo e do espaço em que acontecem”. O contexto no caso dos entrevistados eram seus relacionamentos conjugais, e os comportamentos por eles adotados devem possuir significados específicos dentro de suas relações, e fazer parte da dinâmica de cada casal.

4.5.3 “A bíblia”

A ciência, religião e psicologia são o tema central do estudo de Paiva (2002), nele o autor discute sobre a problemática entre ciência e religião em diferentes contextos históricos, acrescentando diversas feições que a psicologia assume sobre essa questão. A religião pode ser entendida como uma forma de manifestação das crenças e valores de algumas pessoas, esse é um aspecto central na vida de muitos sujeitos e de estudos ao longo de anos.

Se no ditado popular diz-se que, “futebol, política e religião não se discutem”, nessa pesquisa a discussão sobre as crenças religiosas será com base na fala dos sujeitos, justamente como aspecto que influenciava na relação ou satisfação conjugal. Uma das participantes dessa pesquisa, no entanto, relatou que procura o auxílio religioso como estratégia de enfrentamento quando surgem situações de conflito entre o casal.

Quadro 11: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator questões religiosas como estratégia de enfrentamento frente aos conflitos conjugais.

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
Questões religiosas	F1: E o primeiro parâmetro de comparação assim, pra algum tipo de solução que a gente tem, é a bíblia.	1

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

A religião dentro do casamento é distinguida por Norgren et al (2004) como um dos fatores responsáveis pela satisfação conjugal. Os casais satisfeitos, segundo os autores, “reiteraram a importância de sua crença religiosa nos momentos difíceis pelos quais passaram”. (NORGREN et al, 2004, p. 583). Garcia e Maciel (2008) também discutem sobre a influência da religião no casamento e na escolha do cônjuge,

Heaton e Pratt (1990) observaram, com base em uma pesquisa realizada em 13.017 domicílios, que casais que freqüentavam alguma Igreja e casais que apresentavam fortes convicções sobre a utilidade da Bíblia estavam mais propensos a considerar seu casamento muito feliz e tinham menos chance de se divorciarem... Os resultados indicam uma forte influência da religião sobre a busca, em suas diversas dimensões, dos jovens evangélicos das duas denominações, incluindo alvos e estratégias empregadas pelo futuro cônjuge. A busca por um parceiro da mesma religião ou denominação justifica-se pelo fato de que pesquisas têm indicado que casais que freqüentam a mesma Igreja apresentam níveis mais altos de religiosidade, e tendem a enfatizar a religião na criação de seus filhos. (GARCIA e MACIEL, 2008, p. 96)

Essas afirmativas estão de acordo com a informação trazida pela participante dessa pesquisa que relata que ela e seu cônjuge procuram apoio religioso quando passam por uma situação em que surgem conflitos ou quando precisam tomar decisões importantes, nas palavras de F1: *Então o que acontece com agente na nossa vida de casado, quando chega uma situação que incomoda, ou eu, ou ele ou os dois. A pergunta é: o que fazer nessa hora? E o primeiro parâmetro de comparação assim, pra algum tipo de solução que a gente tem é a bíblia... Então essa parte assim foi importante para evitar muitos problemas nossos. Assim as nossas brigas são muito menores, e é muito isso assim, na dúvida a gente procura vê o que a palavra de Deus diz. Então a gente conversa isso, a gente a ponta o que considera errado. A gente tem essa idéia que pra vida toda a gente tem que trabalhar. Então uma coisa que era incômodo, por exemplo, era que a gente ficava muito assim por causa de parente. Ai a gente parou um pouco, porque parente também é... Parentes que não são da nossa mesma fé, então é muita fofoca, muitas coisas negativas. E, ai assim o que a bíblia ensina agente tenta aplicar em todos os níveis da nossa vida conjugal e pessoal.*

A fala de F1 mostra que ela e seu cônjuge compartilham a mesma opinião sobre religião. Partilhar as mesmas crenças e valores, segundo Norgren et al. (2004) é um aspecto que influencia a satisfação conjugal, bem como, faz com que os cônjuges encarem o casamento como uma aliança,

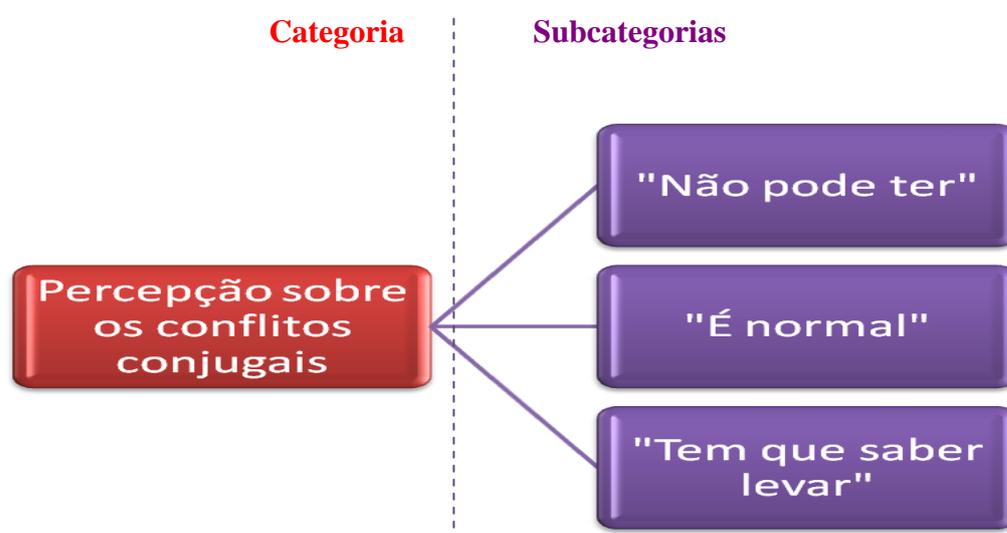
um compromisso. Porém Villa, Prette e Prette (2007) realizaram um estudo discutindo sobre a influência religiosa sobre comportamentos sociais que ocorre em diferentes contextos, inclusive o conjugal, e concluem que os ensinamentos religiosos não constituem fator determinante de habilidades sociais conjugais. Os autores alegam ainda que “a forma como cada um dos cônjuges lida com as demandas interpessoais do relacionamento conjugal depende, do seu repertório de habilidades sociais e é afetada por fatores culturais, entre os quais certamente suas crenças e valores religiosos.” (VILLA, PRETTE e PRETTE, 2007, p. 25).

Assim pode-se concluir que cada casal cria sua própria dinâmica conjugal, influenciados pela história de vida de cada cônjuge, que pode ou não ter a influência religiosa, no caso específico de F1, nota-se que a religião é aplicada nos diferentes contextos, tanto pela participante quanto pelo seu marido. Dessa forma para F1 a religião também apareceu como estratégia de enfrentamento dos conflitos conjugais, e segundo a participante, a bíblia faz com que ela tenha uma percepção sobre os conflitos, diferente do que ela teria se não buscasse apoio religioso. A percepção dos participantes sobre os conflitos conjugais será o assunto do próximo capítulo.

4.6 A PERCEPÇÃO SOBRE OS CONFLITOS CONJUGAIS

A criação deste capítulo foi realizada a partir das falas dos participantes, buscando responder o objetivo geral da pesquisa: *Identificar a percepção dos sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presentes na conjugalidade*. A partir das respostas obtidas foram desenvolvidas as categorias apresentadas a seguir na Figura 3.

Figura 3 – Categoria e subcategorias correspondentes a percepção sobre os conflitos conjugais



Fonte: Elaboração da autora, 2012.

4.6.1 “Não pode ter”

Com relação à percepção sobre os conflitos conjugais (brigas e desentendimentos), dois dos entrevistados declararam que percebem as discórdias como um aspecto que não deve ocorrer na relação conjugal. De acordo com os participantes esse fato prejudica o relacionamento.

Quadro 12: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator “não pode ter” como percepção sobre os conflitos conjugais .

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
“Não pode ter”	F3: <i>Ah eu acho que só atrapalha, pra mim, só atrapalha, não deve ter.</i> M6: <i>Não, não deveria acontecer.</i>	2

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

No capítulo 1.1 desta pesquisa o tema conflito foi problematizado, pois nota-se que muitas referências mencionam os conflitos como algo que afeta apenas negativamente relação conjugal. Os estudos de Benetti (2006) e Boas, Dessen e Melchiori (2010), por exemplo, fazem uma associação entre distúrbios no comportamento de crianças ligados aos conflitos conjugais dos pais. Silvares e Souza (2008) discutem sobre as discórdias conjugais e problemas psicológicos infantis. Bolsoni-Silva e Marturano (2010) afirmam que os problemas conjugais podem afetar negativamente tanto a saúde dos cônjuges quanto a saúde familiar. Essas pesquisas mostram que dependendo do nível de gravidade dos conflitos, pode ocorrer a depreciação da relação conjugal.

De acordo com os estudos de Féres-Carneiro (1994), Peçanha (2005) e Vandenberghe (2006) os casais procuram a terapia de casal, quando surgem desentendimentos e discórdias, ou as diferenças entre os cônjuges que o casal não consegue lidar. Assim é possível notar que os conflitos causam desconforto em alguns casais, esse fato pode ser demonstrado na fala de F5: *Ah eu acho que só atrapalha, pra mim, só atrapalha, não deve ter. Porque é tão bom a gente ta bem. Assim como a gente ta nesse momento, vivendo o amor mesmo, eu levanto a primeira coisa quando abro meu olho é dizer bom dia pra ele. Eu digo eu te amo pra ele todos os dias, e ele diz eu te amo todos os dias. Eu acho isso muito importante, isso fortalece o casal, essa troca. Porque às vezes nesse pequeno desentendimento pode virar uma coisa maior. Se você não souber conduzir... Por isso que eu acho*

que se tem um desentendimento, se tem uma dúvida é parar e resolver logo. Eu acho que pra dar certo, tem que ser assim, porque fica magoas, fica duvidas, e eu já vivi isso, sei como é, e eu posso dizer porque faz 25 anos e eu sei que tem altos e baixos o casamento... Então baseado em tudo isso, essa troca, isso de resolver no momento, por isso nós vivemos bem. Senão não da certo, pra mim, pra nós dois não, Se pra alguém dá não sei.

Nascimento e Sayed (2002, p. 47) pontuam que ao longo da história a ausência de conflitos era vista como expressão de bom ambiente e boas relações. Esta afirmação vem ao encontro com o início da fala de F5, pois ela diz que o “viver bem” está associado à idéia de que no casamento não deve ter conflitos, pois para a participante da pesquisa se houver desentendimentos a qualidade da relação fica fragilizada. Tal fato corrobora com Wilhelm e Oliveira (2011) que destacam o ato de discutir como um dos fatores que impede a satisfação conjugal. Outra hipótese que pode ser levantada, sobre não poder ocorrer desentendimentos na relação, é o fato de que os cônjuges possuem idealizações quanto ao casamento baseando-se no amor romântico. Como já destacado, para Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) a palavra casamento associa-se a idéias românticas em que algumas pessoas imaginam ser possível concretizar o “viveram felizes para sempre”.

O casamento segundo Távora (2009) é influenciado também pelas tradições culturais e pelas características de cada sujeito. Assim as tradições religiosas também afetam o modo com que o casal percebe o conflito, conforme já abordado no subcapítulo 4.2.3 “A Bíblia”, onde a religiosidade foi mencionada como estratégia de enfrentamento aos conflitos conjugais, discutiu-se também a influencia religiosa no relacionamento. Tal afirmação pode ser demonstrada na fala de M6, onde justifica que para ele o conflito conjugal não deve ocorrer, e se ocorrer deve ser resolvido para manter o casamento, nas palavras do participante: *Não, não deveria acontecer... É eu penso assim. Mas é claro que os desentendimentos, vai surgir é natural. Mas o negócio é saber contornar aquilo... Eu penso que o casamento, penso da seguinte forma, quando tu opta por ele, principalmente no meu caso, que eu quis sacramentá-lo casando na igreja. Porque tem diferença né, eu juntar as minhas trouxinhas, ou coisa é tu pegar e sacramentar, meio que faz uma... É a aliança. Olha aqui minha a aliança ela não tem começo nem fim, ela é uma continuidade. É pra sempre, eu penso assim, levo muito em consideração o símbolo, então pra mim é pra sempre. Tem que ter uma igualdade pra sempre. Na relação conjugal eu penso dessa forma fazer uma igualdade pra sempre, e o homem e a mulher são complemento.* Na fala de M6 pode-se perceber que mesmo considerando que os desentendimentos não devem acontecer na relação, o participante entende também que os conflitos são um evento comum dentro do casamento, tal fato será debatido no próximo subcapítulo.

4.6.2 “É normal”

Quatro dos participantes dessa pesquisa relataram que consideram os conflitos conjugais um evento comum dentro do relacionamento amoroso. Como já apontado do capítulo 2.1 que discute brevemente sobre os conflitos conjugais, de acordo Boas, Dessen e Melchiori (2010) os conflitos estão presentes dentro do casamento devido o confronto que existe entre duas individualidades e a conjugalidade do casal presentes no contexto da vida conjugal.

Quadro 13: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator “é normal” como percepção sobre os conflitos conjugais .

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
“É normal”	F1: <i>Ah eu acho que é um acontecimento normal.</i> M4: <i>É normal. Desde que não seja muito exaltado.</i> F5: <i>Eu acho que faz parte, é saudável, é comum.</i> M6: <i>Mas é claro que os desentendimentos... Vai surgir é natural.</i>	4

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Dentro das relações conjugais é comum existir conflitos, pois cada cônjuge possui uma maneira única de ser, e podem ter opiniões diferentes, de acordo com Peçanha (2005) as diferenças específicas entre os cônjuges é que podem causar conflitos conjugais. Essa afirmação está de acordo com Ávila (2004, p.29), a autora ressalta que “os conflitos fazem parte de nossa vida. Eles são inevitáveis nas relações humanas em razão das diferenças individuais”. Conforme foi indicado no subcapítulo anterior, muitos estudos apontam os conflitos conjugais como um aspecto negativo na vida dos sujeitos. Porém nessa pesquisa os conflitos foram apontados por quatro dos participantes como um evento comum dentro do relacionamento amoroso. Conforme exemplificado na fala de F5: “*Eu acho que faz parte, é saudável, é comum. Acho que já achei mais complicado, hoje já consigo levar melhor, dependendo do dia já consigo levar na brincadeira. Mas já, no começo já achei mais estranho, agora já acho mais normal, não é tão complicado.*”

A fala de M6 também trás a afirmação que os conflitos são um evento comum dentro da relação: “*Mas é claro que os desentendimentos, vai surgir, é natural. Mas o negocio é saber contornar aquilo. Tem que ter uma igualdade pra sempre. Na relação conjugal eu penso dessa forma fazer uma igualdade pra sempre, e o homem e a mulher são complemento.*”

A fala de M6 vem ao encontro com a afirmação de Ávila (2004) a autora pontua que o conflito não é negativo nem positivo, mas natural e inerente à vida, e a questão principal é saber como utilizá-lo de uma maneira eficaz e produtiva,

O conceito chinês para a palavra conflito é composto por dois sinais superpostos: um quer dizer perigo e o outro oportunidade. O perigo é permanecer num impasse que retira as energias individuais; a oportunidade é considerar as opções e abrir-se a novas

possibilidades que vão permitir novas relações entre os indivíduos e inventar meios de solucionar os problemas cotidianos. (ÁVILA, 2004, p. 29)

Essa afirmação está de acordo com os relatos trazidos por F1, M4, F5 E M6 que dizem considerar os conflitos um aspecto comum dentro das relações conjugais, esse dado é trazido também na fala de F1: *“Ah eu acho que é um acontecimento normal... Ai eu vi que ele ficava preocupado, e quando eu percebi hoje eu falo pra ele, mesmo quando eu estou muito brava com você eu te amo também. Eu deixo muito claro que a minha irritabilidade não é motivo de eu não amar ele, eu estou irritada, porque a gente é uma família, igual pai e mãe, irmão, vai ser sua família pra sempre apesar das brigas”*. Silva (2008, p. 38) também afirma que o conflito “não é bom nem ruim, isso depende de como se reage a ele, o que pode torná-lo produtivo ou altamente destrutivo”. A forma de manusear os conflitos será o assunto do próximo subcapítulo.

4.6.3 “Tem que saber levar”

Como já mencionado por Boas, Dessen e Melchiori (2010), os conflitos fazem parte de qualquer relação interpessoal, são inevitáveis e inerentes. Por isso é preciso saber lidar com eles, para que eles não se tornem estressores em alto nível na relação. Nesta pesquisa quatro dos participantes relataram perceber os conflitos como um evento comum, e que devem ser gerenciados da melhor forma possível. De acordo com Nascimento e Sayed (2002, p.48) “a administração de conflitos consiste exatamente na escolha e implementação das estratégias mais adequadas para se lidar com cada tipo de situação”.

Quadro 14: U.C.E. dos participantes da pesquisa no fator “Tem que saber levar” como percepção sobre os conflitos conjugais .

Fator	UCE – Unidade de Contexto Elementar	Ocorrência
“Tem que saber levar”	M2: <i>A gente conseguiu resolver e ainda melhorar a nossa relação, porque se fosse outro casal.</i> F3: <i>Porque às vezes nesse pequeno desentendimento pode virar uma coisa maior. Se você não souber conduzir.</i> F5: <i>Porque se não for falando vai evitando e vai se afastando.</i> M6: <i>Mas o negocio é saber contornar aquilo.</i>	4

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Ainda de acordo com Nascimento e Sayed (2002, p.49-50) o conflito envolve diferentes níveis, inicia-se com uma fase que “caracteriza-se normalmente por ser racional, aberta e objetiva” e

termina passando por fases chamadas pelos autores de ataque de nervos e ataques generalizados em que os sujeitos envolvidos tem como principal motivação a preparação para atacar e ser atacado, ou passa para um nível em que “chega-se as vias de fato e não há outra alternativa a não ser a retirada de um dos dois lados envolvidos ou a derrota de um deles”. Nota-se que os conflitos também são “movidados” pela emoção que cada sujeito sente, por esse motivo pode não ser tão simples conseguir resolvê-los, mas talvez um dos primeiros passos para a resolução seja ter clareza da natureza sobre conflito, “conhecê-los, saber qual é sua amplitude e como estamos preparados para trabalhar com eles”. (NASCIMENTO e SAYED, 2002, p.50)

Pode-se pensar que na relação conjugal para que o casal consiga lidar com os conflitos de maneira positiva é preciso que os cônjuges possam ter uma boa comunicação, e clareza sobre suas características de personalidade e seu modo de ser. Para Rosset (2008) na terapia de casais as brigas podem ser utilizadas como forma de ampliar o olhar que se tem sobre a relação, trabalhando com o casal alguns pontos, tais como: “como brigam, para quê brigam, qual a utilidade das brigas, como ter boas brigas, como usar bem o momento pós-briga e como brigar pelo presente e não pelo passado”. (ROSSET, 2008, p. 96). Com isso pode-se desmistificar a idéia de que casal que briga não se ama. O fato de o casal ter desentendimentos segundo Rosset (2006), não está relacionado com o fato dos cônjuges se amarem ou não, o modo como as discórdias acontecem e são manejadas é que diz se a relação está correndo risco.

É comum se ouvir que casais que se amam não brigam. Não é verdade. As brigas podem ser enriquecedoras. Elas são uma forma de os parceiros mostrarem as suas características e seu potencial, manterem a privacidade e a individualidade. Mas se eles se envolvem tanto na atividade de brigar que perdem de vista a união e o afeto mútuos, o amor corre perigo. (ROSSET, 2006, s/p)

A autora destaca também que as brigas podem ser inúteis ou úteis. Inúteis “quando repetem sempre o mesmo conteúdo, a mesma forma, e não ajudam os parceiros a enxergar novas saídas”. E úteis quando os parceiros aprendem a expressar a raiva sem atacar, destrutivamente, a união; não aplicar “golpes baixos”; não insultar; não desenterrar problemas antigos; não despejar sobre o companheiro queixas e frustrações acumuladas; expressar sentimentos, não acusações; fazer apenas críticas construtivas; ouvir e reconhecer o que o parceiro acabou de dizer, em vez de argumentar logo em contrário. (ROSSET, 2006, s/p)

A literatura aponta que a forma como os conflitos são manejados influencia a relação de forma positiva ou negativa. Tal fato pode ser detectado em algumas entrevistas desta pesquisa, pois os participantes relataram que consideram importante o modo como lidam com os conflitos, para manter o bom funcionamento da relação, conforme demonstrado na fala de F5: “A gente vai conversando e vai resolvendo, hoje a gente tem coisa que não concorda, mas se concorda bem

mais, porque a gente vai conversando, entendendo o ponto de vista do outro. E assim vai amadurecendo, vai ficando melhor com o tempo, virando pessoas melhores. Porque se não for falando vai evitando e vai se afastando”.

Na fala de F5 é possível perceber outro aspecto encontrado na literatura, ou seja, a experiência da relação conjugal para o amadurecimento pessoal. Paiva e Gomes (2003, p.9) afirmam que o casamento na pós-modernidade, deve ser visto como um veículo para o desenvolvimento individual, “onde as potências de cada um possam ser exercitadas, experimentadas e integradas na vida a dois”. Pode-se notar assim como o casamento pode auxiliar no desenvolvimento pessoal, a resolução dos conflitos, feita de modo positivo, pode ser utilizada para o desenvolvimento dos cônjuges como casal, e para o amadurecimento da relação. Uma mudança positiva na relação como resultado de um conflito, pode ser exemplificada na fala de M2: *E ai tivemos uma discussão uma vez por causa disso e ai eu percebi que realmente eu tava errado nessa parte. Então ajudou um pouco eu perceber que eu deveria melhorar, e pra gente poder ter um relacionamento melhor e final de semana em vez de ficar correndo atrás dos outros, dar mais atenção pra ela. Então eu vejo que pra mim quando teve essa discussão foi vantajoso pro casal, porque a gente conseguiu resolver e ainda melhorar a nossa relação. Porque trouxe um ponto positivo no caso conseguimos se aproximar mais, ficar mais juntos.*

O relato de M2 está de acordo com a informação de Rosset (2006), pois a autora destaca que quando o casal descobre que os conflitos não são sempre desastrosos, que podem ser até ser úteis, é provável que comecem a usá-las de maneira construtiva. É possível notar que os aspectos envolvidos nos relacionamentos conjugais podem auxiliar no crescimento pessoal e individual. De acordo com Norgren et al. (2004), em casamentos de longa duração, os casais que se consideravam satisfeitos com a relação, relataram que essa satisfação era resultado do envolvimento com as questões atuais do seu relacionamento, tentando buscar alternativas para evitar a rotina e continuar se desenvolvendo. E também por acreditarem que o casamento é parceria para a vida toda, e por sentirem-se responsáveis um pelo outro e por haver amor, e ainda por investir no casamento e acreditar que é possível estar casado há muito tempo e continuar unido para o que der e vier. (NORGREN ET AL, 2004)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amar, porque nada melhor para a saúde que um amor correspondido.
Vinícius de Moraes

Ao longo do capítulo ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS, foi apresentada a organização dos dados obtidos neste estudo. Os resultados foram categorizados a partir da fala dos entrevistados, com o propósito de responder os objetivos dessa pesquisa. Um dos objetivos específicos era identificar as principais causas dos conflitos nas relações conjugais, e através das entrevistas foram identificadas como causas de conflitos a divisão de tarefas domésticas, as características individuais de cada cônjuge, atenção ao relacionamento, questões financeiras, descumprimento ao acordo matrimonial e disfunção na comunicação verbal.

O propósito de segundo objetivo foi identificar as principais estratégias para a resolução dos conflitos nas relações conjugais, os entrevistados relataram que as estratégias utilizadas são a conversa, comportamentos não verbais como ficar em silêncio e não falar sobre o episódio do conflito e ainda buscar apoio na religiosidade. Com o propósito de problematizar a idéia de que os conflitos conjugais são apenas negativos para a relação, esta pesquisa teve como objetivo geral identificar a percepção de sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presentes na conjugalidade. Como resposta a este objetivo os participantes diversificaram suas opiniões, se destacaram as seguintes considerações dos participantes: primeiramente que não deve ter conflitos na relação posteriormente destacou-se a visão de que os conflitos são um evento comum nas relações, e por último foi enfatizado na percepção dos sujeitos que deve-se saber manejar os conflitos.

Com esses dados é possível concluir que a vida em conjugalidade é um aprendizado, que assim como toda mudança (neste caso, de solteiro para casados e vivendo em comum), a relação conjugal passa por fases e por um processo de amadurecimento. E que para amadurecer a relação conjugal, é preciso que os cônjuges “deixem de lado” algumas crenças e expectativas e reconheçam as diferenças, sabendo lidar com elas, e fortalecendo os aspectos que tem em comum. Possibilitando assim o convívio entre individualidade e conjugalidade.

Diante de referências que citavam os conflitos conjugais como aspectos apenas negativos para a relação, e também por conta das crenças culturais que fantasiam que em um relacionamento saudável não se tem conflitos, ao iniciar este estudo, uma das hipóteses era encontrar como unânime no relato dos entrevistados, considerações negativas quanto aos conflitos conjugais. Porém os resultados surpreenderam positivamente, pois parte dos entrevistados demonstraram estar cientes de

que se os conflitos estão presentes em qualquer relação e o modo com que o casal lida com eles, é que irá fazer desses conflitos um aspecto negativo ou positivo para o relacionamento.

Este dado mostra-se relevante, pois pode ser utilizado para exemplificar e fortalecer o início de uma mudança na forma de ver os relacionamentos amorosos. Os casais ao perceberem que para os conflitos serem bons ou ruins, dependem da reação de cada sujeito, podem manter relações mais saudáveis. Pois se responsabilizam pela manutenção da relação sem ter o “peso” de pensar que se existem conflitos tem algo errado com o relacionamento, sem fantasiar que casais felizes não brigam, e que casal feliz está sempre feliz. Estas informações auxiliam também o profissional psicólogo que trabalha com terapia de casais, pois ressalta as informações encontradas na literatura de que cada casal possui sua dinâmica conjugal, e que ao trabalhar com casais deve-se investigar e intervir, cada caso como único. Destaca também, conforme apontado nessa pesquisa, que os conflitos normalmente são apontados exclusivamente como algo ruim para a relação, esta informação faz parte das informações encontradas nas referências e parte do ideário social. Este estudo, porém, mostrou justamente uma visão contrária, expondo que os conflitos podem ser positivos, favorecendo o amadurecimento das relações, assim reafirma que é preciso que os profissionais de psicologia aprofundem o conhecimento sobre o fenômeno que se propõem a intervir.

Como ocorre na maior parte dos estudos, essa pesquisa teve suas dificuldades e facilidades. A dificuldade foi encontrar uma quantidade maior de referências que falassem positivamente dos conflitos e também ter que sistematizar um conteúdo tão rico de informações, como é o tema de relações conjugais. Esta última dificuldade está vinculada ao interesse e gosto da pesquisadora pelo tema, pois se fosse possível iria expor muitos outros assuntos atrelados à conjugalidade, mas para fazer esta pesquisa foi preciso fazer recorte do assunto, limitando-se aos conflitos conjugais. Além de ter tido facilidade em contatar os participantes (que se mostraram dispostos a participar da pesquisa sem ter restrições) e marcar as entrevistas. É preciso ressaltar que as facilidades superaram as dificuldades, devido o interesse da pesquisadora pelo tema, fazendo com que a construção dessa pesquisa fluísse de forma prazerosa.

Todo assunto abre um leque de possibilidades para aprofundar o tema ou para discutir outros assuntos semelhantes. Para quem tem interesse nos assuntos referentes a conjugalidade e relacionamentos amorosos, fica a sugestão de investigar outros temas que foram citados nesta pesquisa, de forma mais aprofundada: Tais como a influência da comunicação na relação do casal; investigar como o casal decide a divisão das tarefas domésticas; aprofundar estudos referentes aos papéis de cada membro do casal dentro da relação; pesquisar ainda a percepção dos sujeitos sobre a construção do acordo afetivo do casal; e por último investigar a construção da identidade de casal,

como cada cônjuge ou cada casal percebe que deixaram de ser fulano e ciclano e tornaram-se *o casal*. E ainda pesquisar se os sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais percebem e como percebem, que ocorreu uma mudança de fase de individualização para a conjugalidade.

Estudos que clarifiquem esses assuntos podem auxiliar os casais a lidar melhor com as dificuldades encontradas nos relacionamentos amorosos. Desse modo podem decidir com responsabilidade levar ou não a relação à diante, e se levarem em frente, podem fazer da melhor maneira possível. Pois como foi dito ao longo dessa pesquisa, os relacionamentos amorosos, cada um com suas especificidades, apesar das dificuldades, são caracterizados também pelo romantismo. Os relacionamentos são considerados tão importantes na vida das pessoas, pois existe um fascínio, uma necessidade, e uma magia em amar e ser amado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2002, vol.22, n.2, pp. 70-77. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci_arttext. Acesso em 04/out/2011

ÁVILA, Eliedite Mattos (Org.) **MEDIAÇÃO FAMILIAR: Formação de Base.** Tribunal de Justiça de Santa Catarina. 2004. Disponível em: <http://www.tj.sc.gov.br/institucional/mediacaofamiliar/apostila.pdf>. Acesso em: 26/ago/2011

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. **Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (2), 261-268. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 28/ago/2011

BERENSTEIN, Isodoro; PUGET, Janine. **Psicanálise do casal.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1994

BEREZA, E.A.; MARTINS, J.P.; MORESCO, L.; ZANONI, S.H.M.S. A influência da comunicação no relacionamento conjugal. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama*, 9(1), jan./abr. p.31-0, 2005.

BOAS, Ana Carolina Villares Barral Villas; DESSEN, Maria Auxiliadora; MELCHIORI, Lígia Ebner. **Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica.** *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 2, 2010. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/view/527/454>. Acesso em 04/out/2011

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. **Procedimento de avaliação em terapia de casais a partir de múltiplos instrumentos.** *Temas em Psicologia - 2010 Vol. 18, n° 1*, 31 – 44. Disponível em: <http://www.sbponline.org.br/revista2/vol18n1/PDF/v18n1a04.pdf>. Acesso em: 26/ago/2011

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. **Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2010 v. 26, 85-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a09v26n1.pdf>. Acesso em: 04/out/2011

BRAZ, Marcela Pereira; DESSEN, Maria Aparecida; SILVA, Nara Liana Pereira. **Relações Conjugais e parentais: Uma comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18(2), pp.151-161.

DINIZ NETO, Orestes; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades.** *Estudos de Psicologia I Campinas* 22(2) I 133-141 I abril - junho 2005. Acesso em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000200003. Acesso em:04/out/2011

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade.** *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, vol.11, n.2, pp. 379-394. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira **Estratégias de Enfrentamento do Cotidiano Conjugal.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2001, vol.14, no.3, p.635-642. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17242.pdf>. Acesso em: 04/out/2011

GAIARSA, José Ângelo. **Briga de Casal: lições de amor.** São Paulo: Gente, 1997.

GOLDENBERG, M. **Sobre a invenção do casal.** Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro: v.1, n.1, p.89 - 104, 2001. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/Artigo%207%20-%20V1N1.pdf>. Acesso em: 04/out/2011

GOMES, Isabel Cristina; PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. **CASAMENTO E FAMÍLIA NO SÉCULO XXI: POSSIBILIDADE DE HOLDING?** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. esp., p. 3-9, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa02.pdf>. Acesso em: 04/out/2011

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LEONEL, Vilson; MOTTA, Alexandre de Medeiros. **Ciência e pesquisa: livro didático.** Palhoça: UnisulVirtual, 2011.

LIMA, Vânia, VIEIRA, Filipa e SOARES, Isabel. **Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal.** *Psicologia*, 2006, vol.20, no.1, p.51-63. ISSN 0874-2049. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a04.pdf> Acesso em:02/abr/2012.

MALDONADO, Maria Tereza. **O Bom Conflito - Juntos Buscaremos a Solução.** INTEGRARE. 2008.

MONTEIRO, André Maurício. **Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2001, vol.21, n.3, pp. 10-19. ISSN 1414-9893. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932001000300003&script=sci_abstract. Acesso em: 04/out/2011.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html. Acesso em: 29/mar/2012.

MOSMANN, Clarisse; WAGNER, Adriana; FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Qualidade conjugal: mapeando conceitos.** *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Dez 2006, vol.16, no.35, p.315-325. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a03.pdf> Acesso em: 04/out/2011

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro e FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Masculino e feminino na família contemporânea.** *Estud. pesqui. psicol.* [online]. 2004, vol.4, n.1, pp. 0-0.

ISSN 1808-4281. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004 Acesso em: 08/mai/2012.

NOGREN, Maria de Betânia Paes et al. **Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível.** *Estud. psicol. (Natal)*, Dez 2004, vol.9, no.3, p.575-584. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a20v09n3.pdf> Acesso em: 04/out/2011

PEÇANHA, Rafael Fischer. **Desenvolvimento de um protocolo piloto de tratamento cognitivo-comportamental para casais.** Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: http://teses.ufrj.br/IP_m/RaphaelFischerPecanha.pdf. Acesso em 26/08/2011 Acesso em: 26/set/2011

PERLIN, Giovana Dal Bianco. **Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal.** 2006. 284 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/27/TDE-2007-05-30T115956Z-1146/Publico/Tese%20GIOvana%20dal%20bianco%20perlin.pdf. Acesso em: 04/out/2011

PELIN, G.; DINIZ, G. **Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?** *Psicologia Clinica*, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.15-29, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200002. Acesso em: 04/out/2011

PREGNOLATO, Mariuza. **VIDA A DOIS - Um breve olhar sobre o relacionamento amoroso.** Disponível em: http://www.mariuzapregnolato.com.br/pdf/trabalhos_cientificos_e_de_pesquisa/vida_a_dois.pdf. Acesso em: 28/ago/2011

RAFFAELLI, Rafael. **Psicanálise e Casamento.** Ed. Da UFSC. Florianópolis/SC. 1994.

REIS, Franciela de Souza Bury dos. **A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NO RELACIONAMENTO ENTRE OS RECÉM-CASADOS.** Lar e Família, 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-comunicacao-no-relacionamento-entre-os-recem-casados/53511/> . Acesso em: 11/abr/2012.

RESSEL, Lúcia Beatriz; SILVA, Maria Júlia Paes. **Reflexões sobre a sexualidade velada no silêncio dos corpos.** *Rev Esc Enf USP*, v. 35, n. 2, p. 150-4, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a08.pdf>. Acesso em: 19/abr/2012

ROSSET, Solange Maria. **O Bom uso das brigas.** Disponível em: www.srosset.com.br .Acesso em: 20/04/2012.

ROSSET, Solange Maria. **Pais e filhos: uma relação delicada.** Curitiba: Sol, 2007.

ROSSET, Solange. **Terapia Relacional Sistêmica.** Curitiba: Sol, 2008.

SILVA, José Eduardo Marques da. **Mediação de conflitos conjugais: a persistência do conflito e o olhar clínico**. Contextos Clínicos, vol. 1, n. 1, janeiro-junho 2008. Disponível em: <http://www.contextosclinicos.unisinos.br/pdf/44.pdf>. Acesso em: 04/out/2011

SILVA, Isabela Machado da; MENEZES, Clarissa Corrêa MENEZES; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. **Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge**. Estudos de Psicologia I Campinas I 27(3) I 383-391 I julho - setembro 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/10.pdf>. Acesso em: 04/out/2011

SILVA, Lucilene Prado e and VANDENBERGHE, Luc. **A importância do treino de comunicação na terapia comportamental de casal**. *Psicol. estud.* [online]. 2008, vol.13, n.1, pp. 161-168. ISSN 1413-7372

SILVARES, E. F. M.; SOUZA, C. L.. **Discórdia conjugal: distúrbios psicológicos infantis e avaliação diagnóstica comportamental-cognitiva**. Psicologia: Teoria e Prática (Impresso), v. 10, p. 200-213, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100015 Acesso em: 04/out/2011

TÁVORA, Monica Teles. **Contrato emocional e código de ética pilares da reconstrução conjugal**. PsiCo, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 1, pp. 50-57, jan./mar. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3999/4141>. Acesso em: 04/out/2011

VILLA, M. B.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Habilidades sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 1, p. 23-32, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n1/v12n1a03.pdf>. Acesso em: 04/out/2011

VITALE, Maria Amalia Faller (Org.). **Laços Amorosos: terapia de casal e psicodrama**. São Paulo: Ágora. 2004.

WIGGERS, Karina Buss. **SEPARAR-SE OU NÃO? A reconciliação como opção**. Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça. 2011. Disponível em: <http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2011/08/Karina%20Buss.pdf> > Acesso em: 08/set/2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturada

Sexo

Feminino ()

Masculino ()

1. Quantos anos você tem?
2. Qual sua escolaridade?
3. Em que você trabalha?
4. Você tem alguma religião? Qual?
5. Qual seu estado civil?
6. Há quanto tempo você está com seu (a) atual parceiro (a)?
7. Como você conheceu seu/sua cônjuge?
8. Esse é seu primeiro casamento?
9. Você possui filhos?
10. O nascimento de seu/seus filho (os) foi programado?
11. Há participação dos dois cônjuges na educação dos filhos?
12. Quais fatores são em sua opinião indispensáveis para que um casal possa ser considerado bem-casado?
13. Você se considera bem-casado?
14. Quais fatores você considera que causam desentendimentos na sua relação?
15. Quais os motivos/situações mais comuns que causam aos desentendimentos na sua relação?
16. Com que frequência ocorre desentendimentos na sua relação?
17. Como você reage quando ocorre um desentendimento na sua relação?
18. Como são resolvidas em geral as diferenças ou dificuldades do seu casamento?
19. Como você percebe as situações em que você e seu cônjuge possuem opiniões diferentes, ocasionando conflito?
20. Você considera que os conflitos são sempre negativos para o relacionamento? Por quê?
21. O que você percebe como sendo desmotivações e motivações no seu casamento?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa que tem como título “Entre tapas e beijos: a percepção de sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presentes na conjugalidade.” Esta pesquisa é o trabalho de conclusão de curso da acadêmica Suellen Lima, e tem como objetivo identificar a percepção de sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presentes na conjugalidade.

A importância de estudar este assunto está no fato dos conflitos conjugais fazerem parte da vida de cada um, assim a pesquisa procura problematizar a idéia de que os conflitos conjugais são apenas negativo para a relação, fazendo uma reflexão de que os conflitos podem também ser considerados positivos, dependendo do seu manejo.

Esta pesquisa será realizada com três homens e três mulheres, homo ou heterossexual, que partilhem de um relacionamento amoroso ou de uma relação conjugal por mais de cinco anos, com idades que variem de 25 á 45 anos. Sua participação consiste em responder uma entrevista de 21 questões com tempo estimado de 60 minutos cujo objetivo é identificar a percepção de sujeitos envolvidos em relacionamentos conjugais sobre os conflitos presentes na conjugalidade. A pesquisa irá investigar o relacionamento dos entrevistados, as expectativas que tiveram na relação, a forma como definem seu relacionamento, e ainda as principais causas de seus conflitos e principais estratégias de resolução dos mesmos. A entrevista será gravada somente em áudio, e realizada em um lugar onde você possa sentir-se à vontade para responder as perguntas. Depois a pesquisadora fará a transcrição fiel da gravação evitando mudar o que você disser na entrevista.

Você não é obrigado a responder todas as perguntas e poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento (antes, durante ou depois de já ter aceitado participar dela ou de já ter feito a entrevista), sem ser prejudicado por isso. Caso você se sinta desconfortável durante a entrevista, é importante que diga isso à pesquisadora para que ela possa auxiliá-lo.

Você poderá quando quiser pedir informações sobre a pesquisa à pesquisadora. Esse pedido pode ser feito pessoalmente, antes ou durante a entrevista, ou depois dela, por telefone ou por e-mail, a partir dos contatos da pesquisadora que constam no final deste documento.

Todos os seus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada em momento algum. Em caso de necessidade, serão adotados códigos de identificação ou nomes fictícios. Dessa forma, os dados que você fornecer serão mantidos em

sigilo e, quando utilizados em eventos e artigos científicos, a sua identidade será sempre preservada.

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa.

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informado e esclarecido pela pesquisadora _____ sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira como ela será feita e os benefícios e os possíveis riscos decorrentes de minha participação. Recebi a garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me traga qualquer prejuízo.

Autorizo gravação de voz ()

Não autorizo gravação de voz ()

Nome por extenso: _____

RG: _____

Local e Data: _____

Pesquisadora responsável: Prof.^a Carolina Bunn Bartilotti

Telefone para contato: (48) 3279-1155

Acadêmica: Suellen Lima

Telefone para contato: (48) 3279-1083

e-mail: su.suellenlima@hotmail.com

ANEXOS